



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**O USO DE FILMES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA: EM FOCO A EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA**

**SUMÉ - PB
2021**

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**O USO DE FILMES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA: EM FOCO A EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA**

**Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Educação
Contextualizada para a Convivência com
o Semiárido Brasileiro da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para a obtenção do título
de especialista em Educação
Contextualizada.**

Orientadora: Professora Dra. Denise Xavier Torres.

**SUMÉ - PB
2021**



S729u Souza, Alanny Araújo de.

Uso de filmes no processo de ensino aprendizagem na Disciplina de Sociologia : em foco a Educação Contextualizada. / Alanny Araújo de Souza. - 2021.

53 f.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Xavier Torres.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido.

1. Cinema e educação. 2. Educação contextualizada. 3. Processo de ensino aprendizagem. 4. Filmes e ensino de sociologia. 5. Audiovisual e educação. I. Título. II. Torres, Denise Xavier.

CDU: 37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**O USO DE FILMES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA
DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA: EM FOCO A EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA**

**Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Educação
Contextualizada para a Convivência com
o Semiárido Brasileiro da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para a obtenção do título
de especialista em Educação
Contextualizada.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Denise Xavier Torres.
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.
Examinadora I – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Maria do Socorro Silva.
Examinadora II – UAEDUC/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 16 de julho de 2021.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao criador de todas as coisas, ao Divino Pai Eterno, pelas bênçãos concedidas!

Aos meus familiares pelo apoio e amor durante essa longa caminhada.

Aos meus padrinhos Maria do Carmo e José Soares por terem me incentivado e ajudado durante todo esse tempo.

A meu companheiro Roni por sua paciência, me ajudando e incentivando sempre.

A orientadora Denise Xavier pela paciência e compreensão durante a produção deste trabalho.

Aos professores Socorro Silva e Fabiano Custódio por terem aceitado participar da banca de defesa deste trabalho e aos demais professores do curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido, pelo carinho e dedicação.

Aos professores colaboradores por terem contribuído para a realização deste trabalho.

Aos companheiros de sala de aula. Pessoas maravilhosas que apesar do pouco tempo de convivência, pude aprender muito com cada um.

A todos os funcionários do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA, pelo trabalho e dedicação com todos nós.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram em mim e que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Obrigada!

As milhares de vítimas da COVID 19! E também, aos seus familiares!

RESUMO

Estamos na era digital. Novos paradigmas sociais, novos modos de pensar, de agir e de comunicar-se são incorporados em nossa sociedade. Nesse contexto de pandemia no qual, as aulas acontecem de forma remota, o grande desafio é desenvolver novas metodologias e habilidades ativas/criativas, que possibilitem a introdução de professores e alunos no universo da linguagem audiovisual de maneira contextualizada, permitindo-lhes, o exercício de interpretar e refletir criticamente sobre o conteúdo trabalhado, dando novos sentidos aos conceitos e saberes. Nessa perspectiva, o referido estudo teve como objetivo principal compreender como se dá o uso de filmes na escola e suas aproximações e/ou distanciamentos com a Educação Contextualizada. Para tanto, fez-se necessário identificar nos filmes analisados as principais temáticas trabalhadas pelos professores; mapear indicativos de práticas de educação contextualizadas nas aulas em que é planejado o uso de filmes; e identificar as relações entre as temáticas trabalhadas nos filmes e a Educação Contextualizada. A presente pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza básica, os procedimentos utilizados são de uma pesquisa participante na qual, contamos com a colaboração de dois professores da Escola Cidadã Integral de Ensino Estadual Fundamental e Médio Estadual José Gonçalves de Queiroz, localizada na cidade de Sumé-PB. Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram questionário de identificação e uma entrevista semiestruturada. Para análise de dados, utilizamos a análise de conteúdo. Ao final da experiência apontamos que o audiovisual/filme uma vez que trabalhado em consonância com a educação contextualizada, contribui no processo de ensino aprendizagem, bem como, na socialização dos sujeitos e na sua capacidade de apreender frações do real nas narrativas audiovisuais aguçando, portanto, o olhar crítico e a lógica de perceber, problematizar e interferir no mundo social.

Palavras-chave: educação contextualizada; sociologia; ensino médio; audiovisual; filmes.

ABSTRACT

We are in the digital age. New social paradigms, new ways of thinking, acting and communicating are incorporated into our society. In this pandemic context in which classes take place remotely, the great challenge is to develop new methodologies and active/creative skills, which enable the introduction of teachers and students into the universe of audiovisual language in a contextualized way, allowing them to exercise to critically interpret and reflect on the content presented, giving new meanings to concepts and knowledge. From this perspective, this study had as its main objective to understand how the use of movies in school takes place and its approximations and/or distances with Contextualized Education. Therefore, it was necessary to identify in the analyzed movies the main themes worked on by the teachers; to map indicators of educational practices contextualized in classes where the use of movies is planned; and to identify the relationships between the themes worked on in the movies and Contextualized Education. This research is qualitative, of basic nature, the procedures used are from a participant research in which we had the collaboration of two teachers from the José Gonçalves de Queiroz State Junior and High Integral Citizen School, located in the city of Sumé-PB. The data collection procedures used were an identification questionnaire and a semi-structured interview. For data analysis, we used content analysis. At the end of the experience, we pointed out that the audiovisual/movie, once worked in line with contextualized education, contributes to the teaching-learning process, as well as to the socialization of individuals and in their ability to learn fractions of reality in audiovisual narratives, thus sharpening, the critical view and the logic of perceiving, problematizing and interfering in the social world.

Keywords: contextualized education; sociology; high school; audiovisual; movies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	DA EDUCAÇÃO COLONIAL À EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA.....	12
3	AUDIOVISUAL E PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS NA ESCOLA	19
4	MÉTODO E ETAPAS DO TRABALHO	23
4.1	O LUGAR DA PESQUISA.....	26
4.2	ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA.....	27
4.3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
5	CONCLUSÃO.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Quando os colonizadores vieram para cá trouxeram consigo seus saberes, passando a desconsiderar os conhecimentos do nosso povo. Até hoje, convivemos com essa tentativa de imposição de uma cultura dominante através do ambiente escolar, uma vez que, a escola pública brasileira ainda nos apresenta um currículo bastante descontextualizado, colonizado e tradicional.

Os livros didáticos apresentam a realidade das regiões Sul e Sudeste idealizadas por um modelo ideal que, por sua vez, estigmatiza as regiões Norte e Nordeste, nos impondo sua cultura. E quando se referem ao Semiárido, narram para o aluno uma realidade totalmente distorcida do nosso lugar. Ou seja, as atividades, as imagens reproduzem de forma simbólica a miséria, e a pobreza dessa região como se a realidade do Semiárido fosse algo distante e sem vida. Essa visão estereotipada pode instigar o aluno a afastar-se de sua própria cultura.

Sabemos que essa é uma herança dos tempos do colonialismo, onde se implantou uma educação totalmente excludente, voltada apenas para a elite buscando atender as necessidades do sistema capitalista nacional. Num cenário de contradições surgiram os grupos escolares que abrangiam as turmas seriadas, deveria ser este um modelo de escola de sucesso, porém, desencadeou os mais altos índices de repetência e evasão escolar no século XX. De acordo com o sistema, os alunos que eram considerados capazes eram separados dos incapazes, ou seja, os que aprendiam seguiam para a próxima série e os que não aprendiam permaneciam repetindo aquela mesma série quantas vezes fossem necessárias.

Compreende-se que isso ocorreu porque os governos tanto no âmbito social, político e econômico nunca tiveram como prioridade uma escola pública de qualidade que fosse destinada à população mais pobre, tendo em vista, que tinham como interesse apenas o domínio dos meios de produção, buscando cada vez mais poder. Desse modo, enquanto os filhos dos assalariados estudavam para ocupar um lugar na classe trabalhadora, os filhos dos burgueses estudavam para dominar essa classe.

Nessa perspectiva, percebemos a relevância de trazer para o contexto educacional uma nova concepção que considere os conhecimentos das pessoas e sobretudo do lugar em que elas vivem. A Educação para a convivência com o Semiárido, uma proposta da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), tem como objetivo principal discutir sobre a importância de uma educação contextualizada que valorize a cultura do lugar e sobretudo que os alunos se percebam enquanto sujeitos desse lugar.

Para tanto, essa proposta educacional busca discutir sobre como é possível tornar as práticas pedagógicas cada vez mais contextualizadas com o paradigma de convivência com o Semiárido, buscando descolonizar o currículo e atribuindo-lhe questões contemporâneas que façam sentido e significado na vida das pessoas. Desse modo, os alunos poderão aprender a valorizar a cultura e os saberes do povo e conseqüentemente se reconhecer nesse contexto.

Assim, é possível que os alunos tenham uma formação crítica e autônoma, produzam novos conhecimentos e se tornem aptos a contribuir para a sustentabilidade do lugar em que vivem, melhorando a própria realidade e a qualidade de vida. E principalmente, abrir caminhos para um currículo que seja voltado para a valorização dos saberes. Nesse sentido, abordamos ainda sobre a relevância de ser trabalhar com filmes na disciplina de Sociologia na educação contextualizada uma vez que, o recurso audiovisual em especial, o filme, pode contribuir para o desenvolvimento intelectual do aluno além de aproximá-lo da realidade em que vive.

Diante do cenário de pandemia que estamos vivenciando atualmente, no qual a internet tem cumprido muitos papéis sociais no mundo inteiro, muitos trabalhadores se veem obrigados a aderir ao ensino remoto. Comprar e pagar pela internet ficou cada vez mais usual e até casamento e colação de grau tem se formalizado pela internet. As aulas acontecem à distância de forma remota, e podemos afirmar que esse é o maior desafio para os professores que estão tendo que se adequar, se reinventar para continuar cumprindo sua função de mediar a aprendizagem dos alunos, principalmente para aqueles que ainda não têm familiaridade com os recursos tecnológicos.

Além disso, ferramentas como o celular fazem parte do dia a dia da maioria desses jovens que sempre utilizam a câmera para fotografar, filmar e postar novidades nas redes sociais. No entanto, sabemos que não basta só levar o filme para a sala de aula, é preciso saber de que forma podemos trabalhar com esse recurso a fim de contextualizá-lo com a realidade em que os alunos estão inseridos.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo principal compreender como se dá o uso de filmes na escola e suas aproximações e/ou distanciamentos com a Educação Contextualizada no ensino de Sociologia. Para tanto, faz-se necessário identificar nos filmes analisados as principais temáticas trabalhadas pelos professores de Sociologia; mapear indicativos de práticas de educação contextualizadas nas aulas de Sociologia em que é planejado o uso de filmes; e identificar as relações entre as temáticas trabalhadas nos filmes e a Educação Contextualizada.

É importante destacar também que o interesse por essa temática surgiu a partir da minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o qual tive

a oportunidade de participar durante meu curso de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Este Programa me proporcionou vivenciar experiências riquíssimas para a minha formação tanto pessoal como profissional, pois pude conhecer e vivenciar a realidade escolar mesmo antes do período de estágio. Considero que um dos momentos mais proveitosos dentro do programa foi trabalhar com o cine clube onde levávamos filmes para a sala de aula e relacionávamos com os conteúdos abordados pela professora. Essas vivências me instigaram o desejo de pesquisar sobre o impacto que o programa estava causando no processo de ensino aprendizagem desses alunos. Por isso, fiz minha pesquisa monográfica sobre esse tema.

Diante dos resultados obtidos, pude perceber que o PIBID contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos, bem como facilitou a compreensão desses discentes com relação aos conceitos sociológicos, e o cine clube foi um dos principais responsáveis por esse resultado positivo, de modo que, segundo alguns relatos obtidos na pesquisa, a aula de sociologia tornou-se mais atrativa e dinâmica, pois proporcionava aos alunos sair da sala de aula e ir a campo produzir seus próprios filmes de curtas metragens, essa iniciativa fez com que os alunos passassem a observar algumas situações do seu cotidiano de maneira diferente, desta vez, com olhar crítico e reflexivo.

Outra experiência que gostaria de destacar sobre trabalhar com filmes na sala de aula foi a pesquisa que realizei no Mestrado Profissional em Sociologia- (PROFSOCIO), na qual, ministrei oficinas para os alunos do ensino médio na Escola Maria Balbina Pereira, localizada em Santa Luzia, distrito de Serra Branca no Cariri Paraibano. As oficinas tinham como objetivo levar filmes para a sala de aula para que os alunos pudessem relacioná-lo aos conteúdos de sociologia, a fim de facilitar o processo de ensino aprendizagem da disciplina.

Diante de tais experiências pude compreender que trabalhar com filmes na sala de aula pode tornar a aula mais atrativa e dinâmica, o aluno pode conhecer outra cultura, assim como reconhecer a sua, e se reconhecer enquanto sujeito do lugar em que vive. Contudo, o fato de o filme cinematográfico ser considerado um recurso de extrema relevância para o ensino, foi o que me suscitou o desejo de aprofundar melhor o estudo sobre esse viés, desta vez, considerando a educação contextualizada, pois pondero que ainda há muito a contribuir para o ensino e conseqüentemente para a educação do nosso país.

Assim, a presente pesquisa divide-se em quatro capítulos, de forma que esta introdução é o primeiro. O segundo por sua vez, apresenta uma discussão acerca da importância de trabalhar com a Educação Contextualizada, nesse sentido, iniciaremos apontando algumas das

nossas heranças coloniais que nos levaram a um atraso imenso no trato aos processos de escolarização, bem como, discutir sobre a importância de construir práticas pedagógicas baseadas na realidade do aluno, possibilitando o processo de ensino-aprendizagem aulas mais significativas.

No terceiro, trataremos sobre o recurso audiovisual/filme e sua relevância para a educação, principalmente, no cenário atual. Diante da nova realidade que temos vivenciado, ponderamos que utilizar recursos como o audiovisual/filmes na sala de aula, facilita para os alunos a compreensão sobre os conteúdos a serem aprendidos na sala de aula, pois, estes recursos já fazem parte do cotidiano desses jovens, e da sociedade atual.

O quarto, apresentaremos o lugar em que a pesquisa foi realizada e também, os resultados obtidos na mesma, bem como a análise qualitativa sobre as respostas adquiridas ao longo da pesquisa, quais os procedimentos utilizados e como ocorreu todo o processo de investigação e análise dos dados obtidos. Ao final, apresentaremos as conclusões, sobre a discussão ao longo da pesquisa e sobretudo, sobre os resultados obtidos.

2 DA EDUCAÇÃO COLONIAL À EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Os acontecimentos do Período Colonial têm nos revelado uma conjuntura de fatores não somente sociopolíticos, mas também aspectos que nos instigam a refletir sobre o sistema educacional brasileiro, pois ainda experimentamos o “gosto” de uma educação voltada para a elite, ou seja, para aqueles que detém o poder.

A história do Brasil foi marcada pela violenta invasão dos europeus colonizadores que ao chegarem aqui, já foram impondo ao nosso povo sua cultura, língua, religião entre outras coisas que até hoje presenciamos, como por exemplo, uma narrativa hegemônica e eurocêntrica sobre a história do nosso lugar e do povo que nele habita. Desse modo, a história contada e que se disseminou como verdadeira “não foi a história e a verdade de todos nós, especialmente, não foi a história e a verdade dos vencidos, dos submetidos à situação colonial” (SILVA, 2011, p. 47).

Á vista disso, a sociedade brasileira teve uma formação seriamente influenciada por uma política educacional estruturada em nosso território pelos estrangeiros, e também, pela própria sociedade que ainda se baseia em experiências alheias, de forma excludente e seletiva, afastando-se da própria realidade. Nesse sentido, a região do semiárido¹ tem sido tratada de uma forma estigmatizada, como uma questão a ser resolvida, sendo-nos apresentada por ter os piores índices de desenvolvimento econômico, social e educacional do país, este lugar era narrado por outros como um lugar cheio de sofrimento e sem perspectiva de vida.

Ponderamos também, que grande parte da literatura que foi/é produzida e ainda hoje circula nos livros didáticos e paradidáticos, nas músicas, nas dramaturgias, nas artes plásticas, entre outros, tem como referência um discurso que nos apresenta um contexto totalmente distorcido e grosseiro sobre a realidade dessa região. De acordo com Santos, (2012, p. 43) esse é um “discurso que traz uma via única de visão do que é o Semiárido e o Nordeste brasileiro e que continua, pela história do Brasil querendo nos impor a visão colonizadora da história”. As obras que são produzidas nas regiões Sul e Sudeste, por exemplo, falam sobre nós sem nos conhecer e sem conhecer a nossa realidade. Estes, referem-se ao sertanejo como um ignorante, matuto e sem autonomia.

¹ O domínio das caatingas na Paraíba estende-se por cerca de 4/5 da superfície do seu território, abrangendo as regiões do Sertão, Cariri, Seridó e Curimataú e fazendo parte do Polígono das Secas. O clima varia de Semiárido a Sub-Úmido seco tropical, caracterizado por apresentar chuvas concentradas em um só período do ano -3 a 6 meses- com médias anuais entre 250 e 900 milímetros, distribuídas irregularmente no tempo e no espaço.

A imagem difundida do Semi-árido, como clima, sempre foi distorcida. Vendeu-se a ideia de uma região árida, não semi-árida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de imigrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca- estas imagens estão presentes na música de Luiz Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos (MALVEZZI, 2007, p. 11).

Um discurso que produz muitas vezes, o sentimento de incapacidade e conformismo com as condições em que se vive, continua sendo uma “visão reafirmada nas iniciativas políticas, forjando o estereótipo de impossibilidades e do oprimido sem saída para a produção da sua existência” (REIS e TELES, 2019, p.75). Esse imaginário construído pelo próprio ser humano por trás do elemento climático, em busca de interesses particulares da elite tem contribuído para uma identidade falsa e negativa das pessoas que aqui vivem.

Podemos afirmar ainda, que esse imaginário sobre o Semiárido, disseminou-se ao longo dos tempos, principalmente, devido ao fato de sucessivos governos buscarem a todo custo uma explicação para o atraso econômico. Sabemos que os fatores climáticos não são suficientes para explicar as condições de vida da população. Por esse motivo, surge a “Indústria da Seca” expressão usada por alguns autores para se referir a questões como o favorecimento das elites pelas ações governamentais e principalmente nas compensações eleitoreiras, consistindo na garantia do voto por exemplo, ou até mesmo em desvio de verbas e superfaturamento.

De acordo com Reis e Teles, (2019, p. 74):

O uso do fator climático permitiu criar a ideia de calamidade pública que, até hoje, ainda está no imaginário social da população do Nordeste e do Brasil e que fomentou a compreensão de Semiárido apenas pela representação idealizada da fome, da miséria, quando a muitos outros aspectos que identificam essa região e que inspiram possibilidades que apontam em outras perspectivas, geralmente não visualizadas.

É possível afirmar que a seca resulta muito mais da forma de exploração do que mesmo do seu próprio impacto. Ou seja, é um problema muito mais social do que natural, pois, “gente que ganha com a seca porque ela significa muito dinheiro do governo chegando para o comércio, para financiar as frentes de trabalho e etc. A seca é um negócio”. (FURTADO, 1998, p. 25). Em outras palavras, as “elites nordestinas” buscavam se beneficiar politicamente através

dos projetos políticos contra a seca, de modo a obter recursos que chegariam a poucas mãos, engrandecendo sua fortuna e poder. Diante do exposto, compreendemos que:

Para agravar a situação, o poder político e econômico, construído a partir da indústria da seca, se reflete também nas escolas. Não estamos apenas diante de um equívoco educacional. Há uma ideologia minuciosamente trabalhada para sustentar mitos e poderes. (MALVEZZI, 2007, p. 132).

Nessa perspectiva, os currículos escolares produzidos nas regiões Sul e Sudeste, longe da realidade da região do Semiárido disseminam uma perspectiva colonialista, que por sua vez, representam os interesses dessa minoria. “Os textos tratam o Semiárido como algo distante, como se tivéssemos no Sul/Sudeste lendo sobre o Nordeste” (LINS, 2011, p. 66).

É raro vermos nos livros didáticos, discussões como por exemplo, sobre o menino que aboia e corre vaquejada, que carrega água da cisterna que é considerada uma tecnologia social, desenvolvida através de vivências da agricultura familiar, entre outras experiências que são extremamente ricas para as pessoas desse lugar e que os alunos muitas vezes, não conhecem quase nada sobre suas potencialidades. Segundo Santos, (2012, p. 46) é assim que vamos criando os preconceitos com nós mesmos e com nossa própria cultura, achando-a “feia” e “ignorante” porque é o que vemos o tempo todo (na televisão, nos livros, revistas, etc.).

Nessa perspectiva, compreendemos que se legitimou uma determinada cultura que vem há muito tempo disseminando valores como se não existissem outras culturas, outros povos, outros saberes. Como se apenas uma única cultura existisse como dominante e impondo o que considera como válido, assim como, também estabelece conhecimentos universais tornando-os legítimos e verdadeiros sobre todos os outros.

Desse modo, os saberes locais vão sendo excluídos do currículo e conseqüentemente, do conhecimento dos alunos. Para Kraus (2015, p. 31) “nesse jogo de poder e distinção, é a cultura do Sudeste que se impõe no campo da educação, impondo um conjunto de significações e garantindo a própria dominação como cultura superior e de referência”. Nesse contexto, os conteúdos são trabalhados de uma forma descontextualizada que contribui para o atraso do conhecimento do aluno. Segundo Lins (2011, p.73):

Isso nos leva a uma prática pedagógica que aproveita pouco, ou não aproveita a oportunidade de propor os estudos a partir das experiências dos estudantes. São eleitos conteúdos que são apresentados em uma perspectiva abstrata demais, longe de qualquer ligação com o mundo de quem estuda. Dessa forma se distanciam do que está mais próximo, do que é concreto, palpável, perceptível.

Sabemos que é na elaboração do currículo que se pensa no modelo de sociedade que se quer construir. Porém, se os conteúdos definidos, não apresentam propostas que considerem uma perspectiva de contextualização, ou ainda ajudam o indivíduo a compreender a realidade ao seu redor, podemos nos perguntar que tipo de sociedade ou cidadão desejamos formar? Podemos dizer que, os objetivos são um dos elementos norteadores da nossa prática enquanto professor. “O que queremos quando definimos o objetivo de tornar o aluno um ser participativo, crítico, criativo, autônomo, cidadão?” (FARIAS, 2009, p. 114).

Compreende-se que, o que esperamos dos objetivos de um currículo direcionado para a didática pedagógica é proporcionar ao aluno adquirir conhecimentos que possam ser usados nas suas lutas sociais cotidianas, conhecendo o outro e se reconhecendo, enquanto ser humano e enquanto cidadão, entre outros inúmeros requisitos. Sabemos que o currículo é constantemente modificado, não é algo pronto e inacabado, uma vez que, “está construído para ter efeitos (e tem efeitos sobre pessoas). As instituições educacionais processam conhecimento, mas também-e em conexão com esses conhecimentos-pessoas” (GOODSON, 2018, p.10).

Nesse sentido, podemos compreender o currículo como um “campo político-pedagógico no qual diversas relações- entre os sujeitos, conhecimento e realidade- constroem novos saberes e reconstroem-se a partir dos saberes produzidos” (MENEZES e ARAÚJO, 2007, p. 8). Assim, podemos dizer que currículo é uma construção social do conhecimento escolar que por sua vez, tem sido construído de forma hierárquica na qual, as diretrizes podem interferir na vida de todos nós, através das práticas escolares que estabelecem valores e significados. De acordo com Silva (1999, p.11) reafirmamos que:

a política curricular, agora já transformada em currículo, tem efeitos na sala de aula. Ela define os papéis de professores e de alunos e suas relações redistribuindo funções de autoridade e de iniciativa. Ela determina o que passa por conhecimento válido e por formas válidas de verificar sua aquisição. O currículo desloca certos procedimentos e concepções epistemológicas, colocando outros em seu lugar. A política curricular metamorfoseada em currículo efetua, enfim, um processo de inclusão de certos saberes e de certos indivíduos, excluindo outros. [...]também produz os sujeitos aos quais fala, os indivíduos que interpela. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades.

Deste modo, compreendemos que o currículo é fruto de um projeto social elaborado e ditado pelos “donos do poder” que buscam através da determinação de certas práticas educativas, estabelecer uma política cultural vinculada ao nosso contexto histórico. Dito isto, percebemos a extrema importância de discutirmos sobre o currículo, visto que, um currículo descontextualizado, que visa privilegiar determinada cultura, determinados saberes

consequentemente, pode prejudicar o processo de ensino aprendizagem e principalmente, influenciar no tipo de formação da nossa sociedade, uma vez que, desconsidera o chão sobre o qual o educador e o educando pisam.

Para Lima (2001, p. 206) “O currículo enquanto espaço de luta, de criação e de recriação não pode ser relegado a segundo plano pelos educadores porque através dele, efetiva-se o processo de inclusão ou de exclusão de certos saberes”. Percebemos a importância desse projeto não apenas como um documento, mas, sobretudo, como um processo de discussão sobre ensino, sobre produção de conhecimento. Um espaço no qual, podemos construir, contestar coletivamente, repensar práticas que ressignifiquem os saberes, enquanto concepção de educação. É possível repensar todos esses fatores, porque é por meio do currículo que acontece o ensino e principalmente, é através dele que a escola se “cria e se recria”.

Como consequência, o que ainda vemos/temos, de modo geral, é uma educação descontextualizada, que não é capaz de fazer relação entre o que se “aprende” e o que se vive, e menos ainda, de gerar alternativas e soluções para tantos problemas vividos pelas pessoas dessa região (SANTOS, 2012 p. 39).

Nesse contexto, a Educação Contextualizada se faz importante porque nos incentiva a pensar sobre o processo de ensino-aprendizagem. É importante que o professor busque recursos para que a aprendizagem do aluno se torne significativa, ou seja, quando o aluno se apoia no que já sabe fica mais fácil aprender novas coisas. Nesse sentido, podemos dizer que o ensino não pode acontecer de maneira isolada pois, a realidade não deve ser vista como um elemento externo a prática educativa, mas sim, um fator fundamental para que esse processo ocorra de forma satisfatória.

Devemos considerar as experiências e o entendimento de cada aluno sobre as coisas do mundo. Por isso, o professor precisa conhecer bem seus alunos para que assim, eles também possam se auto reconhecerem enquanto indivíduos na sociedade. Desse modo, é possível que experiências possam ser compartilhadas entre esses jovens, transformando a aula em um momento ainda mais interessante.

A educação contextualizada se torna essencial no processo da educação porque ela considera a realidade, ou seja, o contexto em que os alunos estão inseridos. Os alunos já chegam à escola trazendo uma vasta bagagem de conhecimentos que por sua vez, devem ser considerados pelo professor. A educação no Semiárido Brasileiro tem como propósito resgatar e compreender a história de um lugar que tem passado de geração em geração sendo vista e compreendida de outra maneira. Para Silva (2011, p. 45):

a “Educação Contextualizada” se associa dos processos de rompimento com a narrativa hegemônica, eurocêntrica, branca, macha, cristã, racionalista e capitalista- ou se não isto, pelo menos associada aos processos de rompimento com as narrativas algum modo exógenas às formas de vida particulares, com as quais, tais narrativas hegemônicas não dialogam e acabam tomando-as como seus “Outros”. Chamamos tais narrativas hegemônicas de coloniais, tendo elas predominado na experiência educacional não apenas no Brasil, mas em diversos outros pontos do globo.

Dessa forma, a Educação Contextualizada rompe os paradigmas de uma educação tradicional e livresca, construindo referenciais para se repensar, analisar e reelaborar as práticas educativas baseadas na realidade dos sujeitos. Assim, possibilitará a valorização da identidade do sertanejo de modo que, contribui também para o florescer de novas percepções sobre o Semiárido enquanto um território simbólico e cultural.

Sabemos que a educação no Brasil e principalmente as escolas do Semiárido Brasileiro, buscam superar muitas deficiências que a cada dia tem se agravado cada vez mais no que se refere ao fracasso escolar. A evasão e a repetência, por exemplo, são fenômenos que ainda persistem dentro das escolas. Entendemos que um dos motivos que podem levar o aluno a desistir de ir à escola, “são os conteúdos descontextualizados com sua realidade de vida, deixando o aluno sem ânimo para continuar estudando” (INOCÊNCIO e HLENKA, 2017, p. 06). Desse modo, aulas descontextualizadas podem ocasionar na dificuldade do processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente, no desinteresse do aluno em ir para a escola. Assim:

Entendemos que as práticas pedagógicas no interior da escola também influenciam na produção do fracasso escolar, o que requer que sejam revistas, por meio de uma reflexão sobre os seus principais elementos estruturantes, sendo eles: relação professor-aluno; metodologia de trabalho do professor; currículo; avaliação e gestão escolar; essa reflexão não pode perder de vista a especificidade do trabalho escolar. (FORGIARINI e SILVA, 2008, p. 06).

Compreendemos que o fato de o conteúdo não considerar a realidade do aluno, poderá fazer com que este, acredite que as aulas não tem serventia para sua vida. Os alunos não são considerados pela escola, ou até mesmo pelo próprio professor como sujeitos atuantes e/ou responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. Muitos professores, ainda seguem fielmente o livro didático, esquecendo-se de outros recursos atuais e atrativos que possibilitem ao aluno, aprender a pensar por si mesmo e sobre o meio em que está inserido.

Outro fator de extrema preocupação é o fato de a maioria das escolas do Semiárido Brasileiro funcionam de forma precária, grande parte das escolas do campo foram fechadas enquanto outras são ameaçadas de “bater as portas”. Infelizmente isso ocorre por falta de

políticas públicas, bem como de formação continuada que dissemine o conhecimento e reflexão acerca da importância das escolas do e no campo. Compreendemos que fechar as escolas do campo é sobretudo, fechar os olhos para a realidade do aluno, do professor e até mesmo das pessoas que ali vivem. É negar a identidade dessas pessoas e o mais preocupante é que ações como essas intensificam o discurso preconceituoso até mesmo desses sertanejos, que passam a negar sua própria cultura devido a essa desvalorização. É necessário que se busque promover discussões que busque promover debates e reflexões sobre os contextos históricos e culturais do Semiárido, principalmente para os profissionais da educação pois em sua maioria, não tem preparo ou mesmo conhecimento sobre o que é o Semiárido.

Nesse sentido, a proposta da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido (ECSAB) foi articulada pela Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), criada em 2000, “cujo propósito é gerar para crianças, jovens, homens e mulheres do Semiárido uma Educação significativa, que retrate sua realidade” (CARVALHO e REIS, 2013, p. 27). Dessa forma, a RESAB promove debates que nos ajudam a refletir sobre o currículo que circula no âmbito escolar e sobretudo, desconstruir discursos de estereótipos e negatividade direcionados aos sertanejos e sertanejas do Semiárido. Além disso, também produz materiais didáticos que auxiliam na compreensão da identidade territorial e cultural dos sertanejos e sertanejas. De acordo com Reis e Teles, (2019, p. 70) a ECSAB busca “descolonizar o currículo, contextualizá-lo nas questões reais do mundo em que a escola está inserida, construindo uma educação escolar que tenha sentido e significado na vida das pessoas.” É um processo de inclusão de cultura, de conhecimentos que são produzidos aqui, mas, que não são valorizados por causa do preconceito.

A convivência com o Semiárido apresenta-se como um novo paradigma que tem ressignificado a nossa cultura, trazendo elementos vivos de tradições que voltam a ser fortemente manifestadas e valorizadas pelo nosso povo e especialmente, inspirando novos saberes, novos olhares acerca do nosso próprio eu. À vista disso, essas novas ressignificações possibilitam aos indivíduos desenvolver o senso analítico e crítico, buscando melhorias de perspectivas de vida para as pessoas da região do Semiárido. Segundo Araújo e Menezes, (2007, p. 42) “contextualizar significa estabelecer relações dinâmicas e dialógicas entre contexto histórico, social, cultural e currículo, concebido como um processo que está em constante construção que se faz e se refaz”.

3 AUDIOVISUAL E PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS NA ESCOLA

Com o desenvolvimento tecnológico e o desenfreado consumo de aparelhos como câmeras, computadores, e principalmente aparelhos celulares, a produção de som e imagem se torna acessível por grande parte da população em especial o público jovem. Assim, se há algo novo, é a interseção Cinema-Educação como campo emergente na educação básica (MACHADO, 2018).

A discussão sobre a importância da relação entre cinema e educação tem se intensificado cada vez mais, pois é uma questão aprovada em lei. O senador Cristovam Buarque desenvolveu o Projeto de Lei (PL 185/08) que complementou o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propondo que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”. (BRASIL, 2014). Segundo Fresquet e Migliorin, (2015, p. 5):

A parte pedagógica da justificativa indica que “a ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação, que é o deslumbramento com as coisas belas. [...]Para ele ainda, “os jovens que não têm acesso a obras cinematográficas ficam privados de um dos objetivos fundamentais da educação: o desenvolvimento do senso crítico”.

Entretanto, a referida lei ainda permanece no papel talvez pelo fato de o senador ao propô-la não trazer nenhuma sugestão de apoio ao professor, assim como também, não apresenta nenhuma condição de custo e de aquisição de espaços e equipamentos para que as escolas as busquem. Talvez por esse motivo, ainda existem escolas, que permanecem na política do atraso, esquecidas pelas políticas públicas. No entanto, não estamos tratando apenas, de introduzir o filme na sala de aula, mas, sobretudo o que ele pode causar enquanto conhecimento através do olhar e da imagem pois levar filmes para a sala de aula sem nem um objetivo metodológico, é mais um fator que prejudica o processo de ensino aprendizagem da disciplina.

Trazer a TV ou o cinema para a sala de aula não é apenas buscar um novo recurso metodológico ou tecnologia de ensino adequados aos nossos dias, mais palatáveis para os alunos-e- o público-, que são condicionados mais a ver do que a ouvir, que tem a imagem como fonte do conhecimento de quase tudo. Trazer a TV e o cinema para a sala de aula é submeter esses recursos a procedimentos escolares- estranhamento e desnaturalização (OCN's, 2000, p. 129).

Para Rachetti e Santana (2016), “através do curta-metragem o aluno pode ser instigado a levantar pontos importantes gerando um debate na sala de aula, uma vez que o mesmo exerce a reflexão, faz críticas e ao mesmo tempo aprende aquilo que desconhece”. Desta maneira, a aula torna-se mais dinâmica, uma vez que, o professor deixa de ser o centro único da sala de aula, e o aluno passa a ser um protagonista de sua própria aprendizagem, o que nos leva a perceber que passa a existir ali, uma troca de saberes entre professor e aluno. Nessa perspectiva, “fazer educação contextualizada é praticar uma educação que parta da realidade dos sujeitos; parta da riqueza, dos limites e da problemática geral dos contextos de vida das pessoas (SILVA, 2011, p. 58).

Nesse contexto, o grande desafio é promover na escola um ambiente ativo/criativo de novas metodologias e habilidades que introduzam professores e alunos no universo da linguagem audiovisual que possibilita tanto ao aluno como também ao professor transmitir e receber informações que permitem a compreensão de processos culturais que fazem parte do cotidiano desses sujeitos.

Nesse sentido, é urgente o trabalho educativo de formar e sensibilizar as novas gerações para a especificidade dessa linguagem, tanto para as suas potencialidades para a leitura do mundo e da vida, quanto para os perigos e as armadilhas que ela comporta. De igual forma, é necessário despertá-las para o fascínio de sua magia, combatendo todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de qualquer sistema de signos que se preocupe impor (TEIXEIRA e LOPES, 2003, p. 14).

O professor era visto na sala de aula apenas como transmissor do discurso/conteúdo, enquanto o aluno era o receptor que apenas recebia as informações. Ou seja, tinha-se uma educação bancária na qual, mantinha-se a concepção de que apenas o professor era o detentor do saber. Assim, compreendemos que não se levava em conta os conhecimentos que os alunos já tinham, que traziam do mundo lá fora para a sala de aula. Ainda de acordo com Paulo Freire (2011, p. 83):

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos.

Eis um modelo de educação que forma indivíduos acomodados, e que não questionam o que lhe é imposto pela sociedade. O aluno é limitado em seu espaço, sem poder compartilhar experiências e questionar novos saberes. “E agora não se trata mais da relação de colonização

de um país sobre o outro, mas especialmente de grupos humanos sobre outros, regiões sobre outras, de narrativas sobre outras” (MARTINS, 2006, p. 42).

Essa nova cultura midiática, trouxe consigo uma nova identidade sendo esta perceptível nas relações sociais, pois, os jovens de hoje passam mais tempo interagindo nas redes sociais do que mesmo com os outros indivíduos que estão a sua volta. O aluno, que vive conectado aos recursos tecnológicos, que sempre está informado, deixa de ser um mero receptor de mensagens chegando à sala de aula cheio de novidade para compartilhar com os demais, até mesmo o professor, que por sua vez, poderá além de transmitir conhecimentos, aprender com seu próprio aluno havendo então, uma troca de saberes. Este fato nos traz a concepção de que o problema não é buscar as informações, mas, a forma como aprender e ensinar a selecioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la, usá-la e aplicá-la em nosso meio.

Para Libâneo (2013, p. 27) “a didática explica e descreve os nexos, relações e ligações entre o ensino e a aprendizagem; investiga os fatores codeterminantes desses processos; indica princípios, condições e meios de direção do ensino, tendo em vista a aprendizagem, que são comuns ao ensino das diferentes disciplinas de conteúdo específicos”. Ou seja, a didática é no universo da educação um fator fundamental para o processo de ensino aprendizagem, pois é através dela que se define o que é bom e o que é ruim, o que se deve e o que não se deve fazer na sala de aula, com os alunos.

Assim, é preciso que o professor desperte no jovem o exercício de interpretar e refletir criticamente sobre o conteúdo trabalhado dando novos sentidos aos conceitos e saberes. Deste modo, deve-se repensar na forma como o currículo está sendo construído com relação a essa enxurrada de informações que o aluno recebe. Nessa perspectiva, Tomazi citado por Oliveira e Costa, (2008, p. 100), aponta que:

ou se modifica a maneira de trabalhar, planejar, utilizar recursos didáticos e avaliar enquanto professores, ou nossos jovens alunos irão procurar em outros lugares o conhecimento e a forma de conhecer que não estamos sabendo transmitir e formar.

Comprendemos que o filme é considerado importante para o processo de ensino aprendizagem, porém, o professor é insubstituível. Assim como nos diz Freire (2011), que o professor ao ensinar também aprende, o sujeito assim é um sujeito inacabado. E esses recursos devem auxiliar para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem sendo necessário que o professor permita-se aprender novas habilidades, novas linguagens, uma vez que a arte docente se constitui no aprender para ensinar.

Assim, os filmes podem tornar-se instrumentos indispensáveis para a leitura dos fatos e dos fenômenos sociais e também para a educação contextualizada, abrindo um leque de indagações para os discentes acerca do mundo lá fora e principalmente da realidade em que vivem, possibilitando-lhes o conhecimento necessário para a transformação desse meio.

4 MÉTODO E ETAPAS DO TRABALHO

Estamos vivenciando um cenário de pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus, que se alastrou pelos cinco continentes de forma, acelerada e assustadora sobre a população que viu-se repentinamente, obrigada a mudar de hábitos de vida, como usar máscaras e álcool gel, isolar-se socialmente, e submeter-se a exames que identificam a presença do vírus no corpo humano. Atualmente, no Brasil, já são mais de 500 mil vítimas de COVID 19². As escolas estão ofertando o ensino remoto, no qual, professores e alunos passam a ter o lar como ambiente de trabalho e de estudos, e não mais apenas, como o lugar de descanso e entretenimento.

Diante disto, e da necessidade de assegurar as condições sanitárias e a realização da pesquisa, a metodologia teve que ser reajustada. Assim, a presente pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza Básica, que por sua vez, baseia-se nos interesses universais para buscar novos conhecimentos, e contribuir de forma construtiva para a ciência e para a sociedade em geral.

De acordo com Gerhardt e Silveira, (2009, p.34) é uma pesquisa que objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Os objetivos serão descritivos pois, buscam descrever as características de uma população e/ou de uma experiência.

Para tanto, os procedimentos utilizados são de uma pesquisa participante na qual, tanto o pesquisador, quanto pesquisado tiveram envolvimento identificando problemas, construindo coletivamente possíveis soluções para o desenvolvimento da mesma, assim como nos confirma Borda (1983, p.43) citado por Gil (2008, p.31) a pesquisa participante “[...] leva em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir”. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

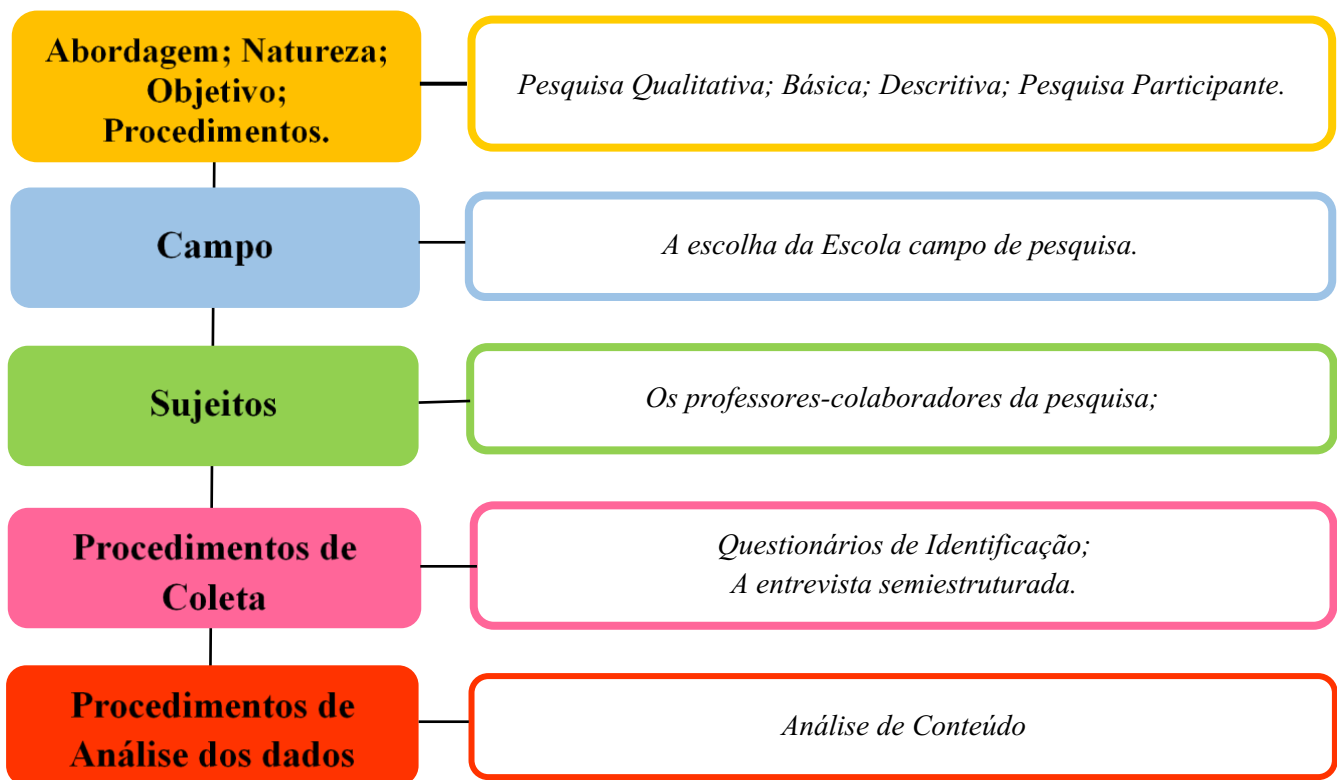
Como procedimentos de coleta de dados, utilizaremos o questionário de identificação dos professores e a entrevista semiestruturada. A análise de dados coletados adotou passos da técnica de Análise de Conteúdo, pois, segundo Caregnato e Mutti (2006), Análise de Conteúdo (AC), é um conjunto de técnicas que analisa as comunicações buscando obter por meio de procedimentos a descrição do conteúdo das mensagens (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. Para Bardin (1995, p.43) a “análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua

² Ano em que ocorreu a pandemia 2020/ 2021.

realizada por emissores identificáveis”. Nesse caso, analisamos a resposta dos professores com base em suas experiências profissionais.

A seguir, apresentaremos o campo, ou seja, o (local onde a pesquisa foi realizada); quem são os sujeitos entrevistados, que tipo de entrevista utilizamos, e quais os procedimentos que utilizamos para a realização da mesma.

Organograma 1 - Síntese do percurso metodológico



4.1 O LUGAR DA PESQUISA

O lugar da pesquisa é a Escola³ Cidadã Integral de Ensino Estadual Fundamental e Médio Estadual José Gonçalves de Queiroz. Localizada na Rua Professora Guiomar Coelho, n°

³ A Escola Cidadã Integral Professor José Gonçalves de Queiroz foi criada em 09 de março de 1974, pelo governador Ivan Bichara Sobreira, através do Decreto N° 3.887 para funcionamento inicial do 1º Grau (atual Ensino Fundamental – Fase II). Depois, em 11 de abril de 1977, pelo Decreto N° 7.235, foi implantado o 2º Grau (atual Ensino Médio).

201, bairro Pedregal, na cidade de Sumé, situada no Cariri Paraibano. Atualmente a escola faz parte da 5º Gerência de Monteiro e é mantida pelo Governo do Estado da Paraíba.

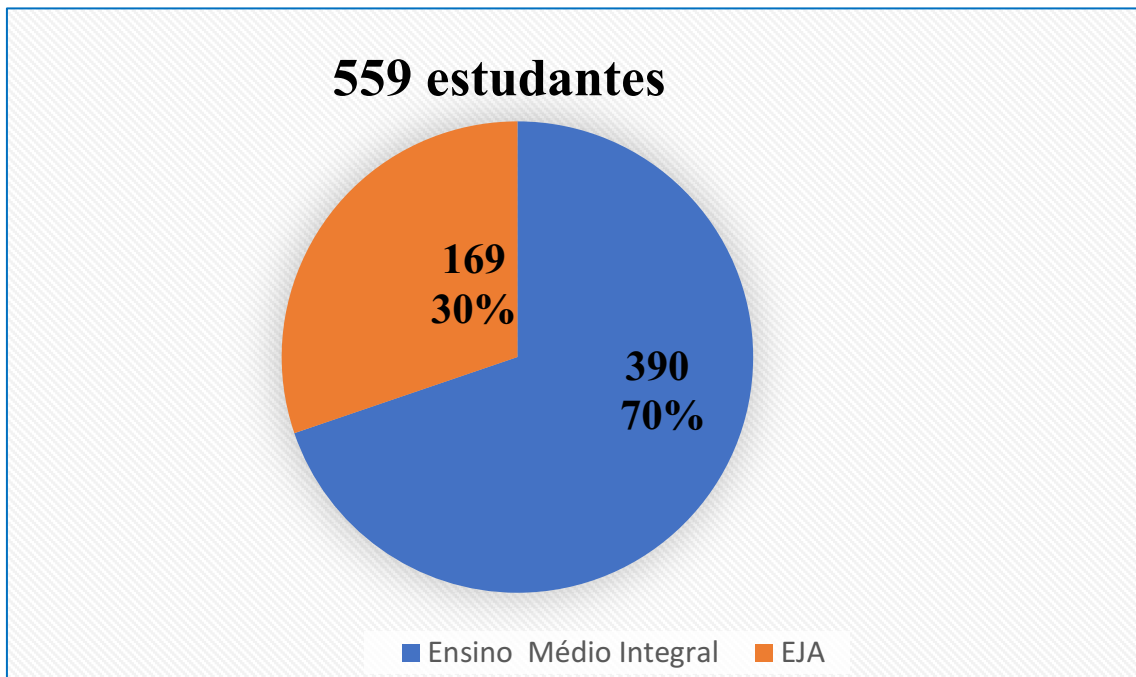
Fotografia 1 - Fachada da escola campo de pesquisa



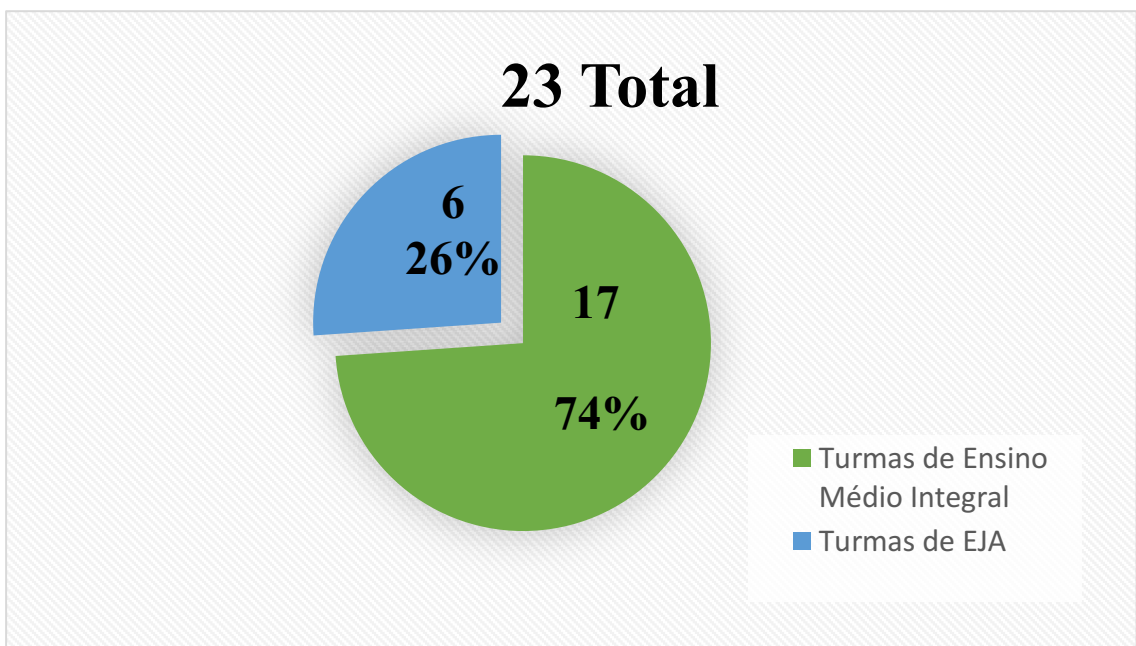
Fonte: encurtador.com.br/hlnpW

O motivo de ter escolhido essa escola para a realização da presente pesquisa deu-se por já ter vivenciado uma prática neste espaço, pois como já mencionei anteriormente, minha atuação como bolsista do PIBID e o estágio supervisionado foram realizados nessa escola. Além disso, destaco ainda a facilidade de acesso uma vez que a escola se situa na cidade em que resido. E diante do cenário da pandemia da COVID-19, foi possível coletar dados garantindo os protocolos de segurança sanitária vigentes.

Em análise ao documento Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola foi possível verificar que a escola atende estudantes oriundos da Zona Urbana e Rural do município, nas seguintes modalidades: Ensino Fundamental, Ensino Médio – Escola Cidadã Integrada, EJA – Educação de Jovens e adultos (Ensino Fundamental e Ensino Médio/ Noturno). No ano letivo de 2020 tem 559 estudantes matriculados, sendo 390 do Ensino Médio Integral, 169 na EJA noturno.



Ao todo são 23 turmas funcionando, sendo 17 do Ensino Médio Integral e 06 no ensino noturno. A faixa etária dos estudantes dessas turmas variam de 12 até 49 anos.



Além do ensino médio, a escola também oferta a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos-EJA. É de fundamental importância para a população desse município e também para a região, principalmente para aqueles que não tiveram ou não tem condições de estudar no período diurno, por diversos motivos. Esses sujeitos tem a oportunidade de ir à escola no período da noite, cursar o ensino médio.

4.2 ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA

A escola possui um terreno de 12.000m², sendo um espaço físico privilegiado na região do Cariri Paraibano (é considerada uma das maiores escolas da região). Possui uma área térrea e outra área de 1º andar e um amplo terreno onde já funcionaram o campo e quadra, porém encontram-se desativados. e um espaço, na lateral, reservado para a Horta Escolar. Com base nas informações coletadas, construímos o quadro a seguir:

Quadro 1 - Espaço físico da escola

1º andar possui	12 salas de aulas
	02 baterias de banheiro (01 feminino e 01 masculino)
Os espaços do térreo	11 salas de aula
	01 salas de direção com banheiro
	01 sala de secretaria com arquivo
	01 auditório
	01 auditório de informática com 17 computadores, com internet
	01 laboratório de ciências com equipamentos
	01 laboratório de Robótica
	01 laboratório de Matemática
	01 sala para guardar materiais de tecnologia e instrumentos musicais com almoxarifado
	01 sala de coordenação
	01 sala de professores com banheiro
	01 cozinha com despensa
	01 refeitório
	01 banheiro para funcionários
	02 baterias de banheiro (feminino e masculino)
	01 sala de planejamento
	01 biblioteca
	01 almoxarifado na escada
	01 quadra poliesportiva coberta com vestiário anexo masculino e feminino (com vasos sanitários e chuveiros)

Fonte: Projeto Político Pedagógico

Além disso, a escola dispõe de diversos equipamentos didáticos pedagógicos, tais como: computadores; retroprojeter; data show; tela de projeção; caixas de som com mesa e microfones; máquinas fotográficas digitais; micro e minissystems; DVDs; TV de plasma e outras; impressoras multifuncionais com scanner; impressoras laser; notebook; netbook. Ainda utilizam os livros didáticos; paradidáticos; livros de literatura infantil e juvenil; dicionários e minidicionários; e enciclopédias.

A escola participa de convênios Federais, Estaduais e Municipais. Assim, dispõe dos seguintes programas:

- **PNAE** – Programa Nacional de Alimentação Escolar
- **PNLD** – Programa Nacional do Livro Didático
- **PDE** – Plano de Desenvolvimento da Educação
- **PDDE** – Programa Dinheiro Direto na Escola
- **PNBE** – Programa Nacional Biblioteca da Escola
- **PAAE/PB** – Programa de Auxílio à Alimentação Escolar Paraíba
- **PSE** – Programa Saúde na Escola
- **PNATE** – Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar

Além de outros programas como:

- **Programa Jovens Embaixadores** - oferece aos estudantes de Ensino Médio, com idade entre 15 e 18 anos, exclusivamente oriundos de Escola Pública, a oportunidade de expandir seus horizontes e fortalecer laços entre o Brasil e os Estados Unidos, por meio de um intercâmbio.
- **Programa Parlamento Jovem Brasil/ PJB** - contribui para o desenvolvimento da cidadania, por meio do conhecimento sobre a organização de nossa democracia representativa, assim como da participação e do controle social.
- **Programa Jovem Senador** - proporciona aos estudantes, com até 19 anos, matriculados no 1º ou 2º ano do Ensino Médio da rede pública estadual e do Distrito Federal, conhecimento acerca da estrutura e do funcionamento do Poder Legislativo no Brasil.
- **RoboTecPB** - Competição Paraibana de Robótica e Tecnologia - circuito de competições que envolvem ações pedagógicas utilizando os kits tecnológicos de robótica educacional de forma criativa e aplicando a utilidade da Robótica através de projeto que dialogue com o cotidiano;
- **Se liga no Enem PB** - movimento de fomento e indução ao ensino superior através do Exame Nacional do Ensino Médio utilizando diferentes estratégias em articulação com a rede: Secretaria de Estado da Educação, Gerências Regionais de Educação, Escolas e estudantes.
- **Plataforma STUDOS** - uma plataforma de preparação para o Enem com ambiente online na qual os professores e alunos dispõem de um banco de questões do ENEM e de vestibulares

de vários estados brasileiros, organizadas por conteúdo e grau de dificuldade com a finalidade de auxiliar o docente na elaboração de avaliações e simulados, bem como potencializar a aprendizagem dos estudantes. • Programa Gira Mundo -visa proporcionar intercâmbio internacional aos estudantes matriculados na segunda série do ensino médio nas escolas estaduais da rede pública. Busca-se o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino.

- **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC** - tem como finalidade expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio presencial e a distância e de cursos e programas de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional a estudantes matriculados no Ensino Médio da Rede Estadual (MEDIOTEC) e egressos do Ensino Fundamental ou Médio.
- **Sistema de Avaliação da Educação da Paraíba/ Avaliando IDEPB** - monitorar o desempenho dos estudantes e a qualidade do ensino ofertado pela Rede Estadual.

Compreendemos que os programas apresentados acima, beneficiam não somente os alunos da escola, mas, toda a população sumeense e também a região, uma vez que, busca preparar esses jovens não só para atuar no mercado de trabalho, mas principalmente, para desenvolver projetos que possam beneficiar a população do lugar em que vive, e sobretudo, tornar-se cidadãos com senso crítico, capazes de atuar dentro de sua própria realidade.

4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com dois professores da disciplina de Sociologia que atuam na escola José Gonçalves de Queiroz, ambos responderam dois questionários, um de identificação de perfil e outro referente a pesquisa qualitativa. Devido ao contexto atual de pandemia que temos vivenciado nos últimos dias, não foi possível entrevistar os professores presencialmente, por esse motivo, utilizamos o recurso de formulários da plataforma Google (Formulários Google), os formulários foram enviados via WhatsApp para cada participante responder. Inicialmente, apresentaremos os resultados do questionário de identificação (Questionário 1). Observe a seguir:

Quadro 2 - Questionário de identificação

	Itens/perguntas	Entrevistado 1	Entrevistado 2
1	Sexo	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>
2	Idade	<i>34 anos</i>	<i>42 anos</i>
3	Instituição	<i>ECI Professor José Gonçalves de Queiroz</i>	
4	Categoria funcional	<i>efetiva</i>	<i>efetivo</i>
5	Turnos de atuação nessa escola	<i>integral</i>	<i>noturno</i>
6	Atua em qual rede?	<i>pública</i>	<i>pública</i>
7	Atua em outra rede? Qual?	<i>não</i>	<i>Sim. Rede municipal</i>
8	Escolaridade	<i>mestrado concluído</i>	<i>mestrado concluído</i>
9	Área de formação	<i>Licenciatura em Ciências Sociais</i>	<i>Licenciatura em História</i>
10	Tempo de atuação como docente	<i>mais de 10 anos</i>	<i>mais de 10 anos</i>
11	Tempo de atuação nessa escola	<i>mais de 10 anos</i>	<i>07 a 10 anos</i>
12	Tempo que leciona a disciplina de sociologia	<i>mais de 10 anos</i>	<i>mais de 10 anos</i>

Fonte: Questionário de identificação

Com base nas respostas compiladas no quadro acima podemos perceber que os docentes apresentaram muitas respostas em comum. Os dois participantes são do quadro de efetivos da rede pública, com escolaridade em nível de mestrado, ministram a disciplina há mais de dez anos na escola, também atuam como docente há mais de dez anos. No entanto, ambos possuem formações diferentes: Um, com formação em Ciências Sociais e o outro com formação em História.

A seguir, apresentaremos as respostas dos participantes obtidas através do formulário de entrevista. (Questionário 2). Após, as informações obtidas analisamos o material por meio de uma leitura minuciosa e detalhada, buscando identificar as categorias existentes no conteúdo explorado, atentando-se sempre para o referencial teórico.

1- Você assiste filmes com frequência?

Entrevistada 1: *sempre*

Entrevistado 2: *semanalmente*

Como vimos, os dois professores entrevistados assistem filmes com uma boa frequência. É importante que o professor assista filmes sempre que puder pois além de apropriar-se desses bens culturais, enquanto indivíduo social, também estará buscando conhecimento para levar à sala de aula outras possibilidades de conhecimento.

Sabemos que por uma questão cultural, aprendemos a ver filmes apenas por entretenimento, como momento de lazer. Porém, devido a necessidade de utilizar esses recursos em sala de aula, os professores começam a sentir necessidade de acompanhar o ritmo, buscando

ressignificar suas práticas em sala de aula. Nesse sentido, podemos dizer que é responsabilidade da escola direcionar o olhar do aluno, e educar seu olhar para o audiovisual/filme. De acordo com Martins et al. (2010, p.34).

[...] é necessário criar, nos tempos e espaços escolares, dispositivos, atividades, projetos e práticas mediante os quais os nossos educandos possam desaprender e aprender com o cinema. Desaprender, porque muitos deles já chegam à escola com o olhar, uma perspectiva, uma compreensão, um gosto produzido pelo consumo rápido, do repetitivo, do descartável que lhes é imposto cotidianamente, das mais variadas formas, pelas imagens veiculadas pela mídia, pela publicidade, pelo cinema e pelo vídeo de puro consumo.

Ainda hoje quando falamos em assistir um filme na sala de aula por exemplo, muitas vezes o aluno se alegra, acredita que a aula será apenas diversão. Culturalmente, os alunos aprenderam que dia de assistir filme é na sexta feira, para a aula ser mais leve, entre outras situações que nós enquanto alunos, já vivenciamos no nosso tempo de escola. Segundo Duarte (2009) imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, ilustrativo, de forma lúdica e atraente.

Assim, para que a atividade seja produtiva é preciso que o professor compreenda que não faz sentido levar o audiovisual /filme para a sala de aula apenas por levar, ou por entretenimento, é necessário que se tenha um objetivo claro sobre o que se quer trabalhar. E principalmente, reconhecer o audiovisual/filme enquanto uma arte que através da transmissão do conhecimento desempenha um papel importante na vida das pessoas.

Também perguntamos aos professores qual o gênero de filme mais costuma assistir. Observe as respostas a seguir:

2- Qual gênero de filme você costuma assistir?

Entrevistada 1: *suspense*

Entrevistado 2: *ficção científica*

Destacamos que a frequência e o gênero de filme apresentado pelos professores não interferem em nossas análises, pois, além de profissionais somos sobretudo, seres humanos com gostos pessoais e diversificados. Apenas, buscamos conhecer o perfil do professor. No entanto, percebemos que são profissionais que mesmo em seu horário de lazer buscam aprimorar o seu conhecimento tanto para a sua vida pessoal como para a vida profissional. Porém, enfrentam algumas dificuldades ao colocar em prática o trabalho com audiovisual/ filme em sala de aula.

Questões como carga horária e o tempo da aula, podem ser vistos como umas das dificuldades enfrentadas pelos professores. Observe a discussão a seguir:

3- Com qual frequência você utiliza o recurso audiovisual (filme) em sala de aula?

Entrevistada 1: *sempre que possível (duas/três aulas por bimestre – geralmente o bimestre compreende 8 a 10 aulas)*

Entrevistado 2: *Na disciplina de sociologia, como só temos uma aula/ semana, utilizo menos filmes do que gostaria*

Nas respostas acima, percebemos a angústia dos professores em não poder trabalhar mais com filmes como gostariam, devido a carga horária da disciplina de Sociologia ser mínima com relação às outras disciplinas (uma aula por semana com duração em média de 45 a 50 minutos). Devemos considerar ainda, o fato de que, de acordo com a dinâmica de organização da escola, quando se encerra uma aula, são os alunos que trocam de sala ao invés do professor.

Nesse caso, até os alunos chegarem à sala de Sociologia, sem contar com aqueles que sempre saem para ir ao banheiro, tomar água e até mesmo falar com um colega, pode tomar tempo da aula. Mesmo que o professor não espere todos esses alunos chegarem na sala e se acomodar em seus lugares, sabemos que a chegada de um ou de outro poderá atrapalhar a aula. De acordo com Oliveira (2013, p 15),

A maioria das escolas públicas, apesar de terem sala de vídeo e computadores- uma alternativa para se formular aulas mais interessantes aos alunos- tem dificuldade em programar atividades usando essas tecnologias, pois o pouco tempo de aula destinado a disciplina de Sociologia não oferece as condições necessárias para que os alunos possam assistir a um filme e após se consiga levantar um debate, uma reflexão sociológica sobre o conteúdo, isso porque os 45 ou 50 minutos de aula não são suficientes, além do que, existem precários e limitados espaços físicos a disposição de toda a escola. Com isso, as atividades extraclases, ficam limitadas.

Consideramos que essa é uma realidade da maioria das escolas brasileiras, dificuldades essas, que tem sido enfrentada há muito tempo pela educação que infelizmente, ainda serve a uma elite dominante. Sabemos que a reinserção da Sociologia no currículo do Ensino Médio das escolas brasileiras tem sido muito conturbada, uma vez que provocou profundas discussões no âmbito educacional. Foi excluída dos currículos escolares durante muito tempo, por ser considerada desnecessária e ameaçadora em relação às questões sociais.

Santos (2002), em seu estudo, divide o histórico da disciplina Sociologia brasileira em três fases: (1891-1941) período de institucionalização da Sociologia no ensino secundário;

(1942-1981) período de ausência como disciplina obrigatória e (1982-2001) período de reinserção gradativa da disciplina no Ensino Médio.

Segundo SILVA, (2007) no Brasil, só foi introduzida nos currículos escolares como disciplina obrigatória no início do século XX, através da Reforma Rocha Vaz, (1925) e Francisco Campos (1931), que instaurou a obrigatoriedade da Sociologia nos cursos ginasiais. A institucionalização acadêmica da Sociologia no Brasil aconteceu por volta de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e também com a seção de Sociologia e Ciência Política da universidade de São Paulo (1934). Esse período foi de grande relevância para o ensino da Sociologia, pois ajudou a afirmar a disciplina nos cursos secundários, normal e a entrada na grade curricular dos cursos preparatórios de ensino superior.

No entanto, em 1942, durante a Era Vargas, com a Reforma Capanema, liderada pelo então ministro da saúde e educação Gustavo Capanema, “a disciplina foi removida do currículo das escolas secundárias permanecendo apenas nas escolas normais, continuou sendo lecionada até o golpe militar de 1964. Daí, foi totalmente excluída dos currículos das escolas do país” (CARVALHO, 2004). Assim, com o país em um regime autoritário era necessário afastar essa disciplina dos jovens, sabendo-se que um dos principais objetivos da Sociologia é tornar cidadãos críticos. Desse modo, a Sociologia tornou-se uma afronta para o governo militar.

A partir de 1980 período da redemocratização do país, a disciplina volta a ser discutida com o objetivo de retornar ao currículo da educação básica, assim como, expandiram-se cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e Sociologia, o que contribuiu cada vez mais para sua consolidação.

Em 2008, através da Lei nº11.684/08 que altera o artigo 36 da Lei nº 9.394, de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a disciplina de Sociologia retorna obrigatoriamente aos currículos das escolas do Ensino Médio no Brasil. Recentemente, o Conselho Nacional de Educação (CNE), através de sua Câmara de Ensino Básico (CEB), regulamentou o modo de implantação da Filosofia e da Sociologia nas três séries do Ensino Médio pela Resolução nº 01, de 15 de maio de 2009, ordenando que se conclua a efetivação dessa medida até o final de 2011 (SILVA, 2010).

De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (2006, p.109):

As razões pelas quais a Sociologia deve estar presente no currículo do Ensino Médio são diversas. A mais imediata, e de que já se falou, mas não parece suficiente, é sobre o papel que a disciplina desempenharia na formação do aluno e em sua preparação para o exercício da cidadania. Isso se tem mantido no clichê, quer se ultrapassar esse nível discursivo e avançar para concretização dessa expectativa.

Porém, ainda há uma grande preocupação devido à reinserção da disciplina no currículo do Ensino Médio que é o fato da disciplina de Sociologia ser obrigada a moldar-se conforme o sistema estabelece, colocando em risco até os objetivos da própria disciplina que é desenvolver o senso crítico e reflexivo do aluno, além de vários outros.

4- Quais estratégias você utiliza para escolher o filme?

Entrevistada 1: *Tempo; relação com o conteúdo abordado.*

Entrevistado 2: *Escolho o filme de acordo com a temática que está sendo discutida na sala de aula.*

Nessa questão, podemos perceber que os dois professores abordam a questão do conteúdo que está sendo abordado em sala de aula, também, se referem a questão do tempo, mas, não relatam sobre considerar a realidade do aluno, o contexto em que este está inserido. Sabemos que na hora de escolher o filme é de extrema importância que o professor leve em consideração o conteúdo que está sendo trabalhado, mas, principalmente, a realidade dos alunos. Segundo MARTINS, (2010, p. 37):

[...] é fundamental que os professores, como mediadores presenciais desse processo pedagógico, escolham filmes e atividades que despertem sensações, sentimentos e pensamentos, afetos e expressividades inusitados nos educandos. E que eles sejam estimulados a manifestar como percebem e apreendem essa situação.

Além disso, é necessário ser criterioso com relação a qualidade dos vídeos que serão exibidos para os alunos, visto que, hoje em dia existem vários filmes sobre determinadas temáticas que muitas vezes não são relevantes para a discussão em sala, mas, cabe ao professor realizar uma análise na hora de selecioná-lo. Além de, considerar a quantidade de aulas da disciplina de Sociologia por semana, o tempo da aula e também a organização dos equipamentos.

5- Qual tipo de filme você mais utiliza? Curta metragem, média metragem, ou longa-metragem? Por que?

Entrevistada 1: *Curta metragem*

Entrevistado 2: *Curta metragem. Um filme muito extenso prejudica a atenção dos educandos*

Os dois professores costumam trabalhar com filmes de curta metragem, tanto a entrevistada 1, quanto o entrevistado 2, justificam o fato de que filmes extensos podem prejudicar a atenção dos educandos. Compreende-se, que levar um filme longo para a sala de aula, poderá tornar a aula cansativa e desinteressante para o aluno e o que é pior, ele poderá sentir dificuldade em relacionar o contexto do filme a temática trabalhada em sala de aula.

No entanto, isto não quer dizer que o professor não possa, ou não deva trabalhar com filmes longos. Mas, deve-se buscar meios de não prejudicar o real objetivo da aula. Como por exemplo, fazendo recorte do filme e excluindo cenas desnecessárias que nada acrescentam ao propósito da aula. É fundamental usar a criatividade.

Para além do tipo de filme utilizado e compreendendo as limitações apresentadas pelos professores, buscamos compreender também como eles organizam o itinerário didático-pedagógico para a utilização efetiva de recursos audiovisuais nas aulas de Sociologia. Assim, questionamos:

6- Quais estratégias didáticas você costuma utilizar ao trabalhar com o audiovisual/filme em sala de aula?

Entrevistada 1: *Iniciamos o conteúdo buscando fazer um levantamento prévio do que o aluno conhece sobre. Geralmente utilizamos o audiovisual para ilustrar ou reforçar questões, conceitos e/ou problemática apresentadas ao longo do conteúdo. Após a exibição do audiovisual fazemos uma reflexão/debate ou analisamos o mesmo a partir de um roteiro estabelecido.*

Entrevistado 2: *Primeiro abordo o tema previamente, apresentado e discutindo textos e seus respectivos autores. Depois apresento o filme e busco fazer com que os educandos percebam como o cinema aborda a temática, observando os pontos comuns e distintos entre o texto escrito e o texto cinematográfico.*

Com base nas respostas dos entrevistados, percebemos que ambos utilizam estratégias diferentes para trabalhar com o audiovisual em sala de aula. A entrevistada 1, relatou que inicia sua aula, realizando um levantamento prévio dos alunos sobre o conteúdo a ser abordado, depois ela relata sobre o uso do audiovisual e logo depois, da exibição, realiza um debate, fazendo uma análise com base em um roteiro.

Já o entrevistado 2, relatou iniciar a aula, abordando o tema de forma prévia, apresentando os textos e discutindo os autores. Depois, de exibir o audiovisual, faz uma

análise entre o texto escrito e o audiovisual. Mas não menciona utilizar roteiro, como fez a entrevistada 1, por outro lado, apresenta um olhar diferente voltado para o cinema que é o fato de querer que os alunos percebam como o cinema aborda a temática e não só, fazer essa relação entre texto e audiovisual.

Porém, nenhum dos dois professores apresentaram em suas respostas, estratégias didáticas que buscam aproximar a discussão da realidade do aluno, visto que, “o audiovisual/ é uma fonte de conhecimento e se propõe, de certa forma, a ‘reconstruir a realidade” (Silva, 2007, p. 50). Sendo esta, uma questão fundamental para o entendimento do aluno, sobre o conteúdo abordado em sala de aula.

Após, toda a discussão teórica e cinematográfica é essencial trazermos para a nossa realidade, se tal situação, por exemplo, ocorre no lugar em que o aluno mora, ou se acontece ou já aconteceu com algum dos alunos. Compreendemos que, questões como estas se trabalhadas de forma contextualizada com a realidade dos alunos, podem desencadear um debate importante para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas da disciplina de Sociologia.

Nesse sentido, indagamos aos entrevistados se os filmes trabalhados em sala de aula, em sua concepção tem de fato, contribuído para o processo de ensino aprendizagem. Vejamos:

7- Na sua concepção, o audiovisual/filme contribui para o processo de ensino-aprendizagem? Se sim, de que forma?

Entrevistada 1: *Sim. Muitas vezes ao expor o conteúdo o alun@ não consegue relacioná-lo ou percebê-lo na prática cotidiana. Com o uso do recurso audiovisual fica mais fácil e compreensivo para o alunado. Assim como também através desse recurso buscamos despertar a criticidade nas reflexões e análises da realidade.*

Entrevistado 2: *Sem sombras de dúvidas. Muitas vezes nossos educandos têm muitas dificuldades em ler textos, mas conseguem se saírem melhor com os textos audiovisuais. A partir daí, o esforço é no sentido de que eles possam canalizar o entendimento do filme para a leitura e interpretação do texto escrito.*

Nessa questão foi possível compreender que os dois professores entrevistados reconhecem a importância da utilização do recurso audiovisual em sala de aula. Esse fato é extremamente importante pois, essas tecnologias estão cada vez mais, impondo novas formas de trabalho, de socialização, de comunicação de forma muito intensa. E o audiovisual em

especial, tem feito parte do dia a dia desses jovens, uma vez que, utilizam esses recursos constantemente.

Muitas crianças hoje em dia, mesmo antes de aprender a se comunicar direito pela fala já conseguem abrir aplicativos de jogos ou vídeos no celular ou no tablet. Assim, é importante que o professor tenha consciência da importância de utilizar esses recursos em sala de aula, para que quando essas crianças cheguem à escola encontrem algo atrativo e que faça parte de sua realidade.

Desse modo, a escola precisa se adequar a essa nova realidade, para tanto é fundamental que os professores enfrentem o desafio de aprender a lidar com os recursos audiovisuais, buscando diversificar suas aulas a fim de deixá-las mais chamativas para os alunos. Assim, ao passo que o audiovisual beneficie o processo de ensino- aprendizagem, conseqüentemente, poderá desenvolver no aluno o senso crítico. Nessa perspectiva, indagamos aos professores a questão a seguir:

8- Na sua concepção, o audiovisual/filme pode contribuir para o desenvolvimento crítico do aluno? Se sim, de que forma?

Entrevistada 1: *Sim. Como mencionei anteriormente a ideia é mostrar ao alun@ que o filme não é apenas uma forma de entretenimento, mas que demonstra/apresenta questões e problemáticas do cotidiano social, cultural, político e histórico de uma sociedade.*

Entrevistado 2: *Sim. Pois o audiovisual impacta rapidamente, principalmente na EJA, em que os educandos já têm um saber experiencial bastante significativo.*

De acordo com a resposta dos entrevistados, compreendemos que o filme vai muito além da informação e comunicação. O cinema representa processos culturais e sociais, dando significados a experiências, sensações e as representações da vida dos indivíduos. Segundo Teixeira et al (2017, p.61):

Educar o olhar é reconhecer que o cinema traz para a sala de aula imagens, sons, cores, movimento, entretenimento, aguçando a curiosidade, a imaginação, a fantasia. Traz também o mundo, o cotidiano, a realidade, e com isso as alegrias e as tristezas, a beleza, os afetos e os desafetos, os conflitos, as harmonias, os amores e os desamores. O contato com o mundo do cinema é uma experiência única e marcante.

Desse modo, compreendemos que o audiovisual/filme perpassa as dinâmicas sociais, transformando e formando indivíduos, uma vez que, produzem e expressam diversas formas de conhecimento bastante educativas pois, “ver filmes, é uma prática social tão importante, do

ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 18).

No entanto, não só o filme ajuda a interpretar a realidade cultural e/ou social do indivíduo, mas, também, as vivências podem ajudar a compreender melhor o contexto do filme. Nessa perspectiva, as experiências do aluno, referências culturais, visões de mundo poderão interferir no modo como ele interpreta o filme, ao mesmo tempo que o filme poderá ajudá-lo a compreender saberes, valores, crenças de sua própria cultura e até mesmo da cultura do outro. É de suma importância que o professor possa observar se os filmes levados para a sala de aula ajudam o aluno a reconhecer sua própria história. Assim, questionamos o seguinte:

9- Na sua opinião, o aluno pode se reconhecer no contexto do filme? Explique.

Entrevistada 1: *Sim. Sabemos que a produção audiovisual retrata vários tipos de realidades. Nesse sentido há sim, contextos e situações onde os alun@s se identificam e se percebem no que é retratado. Inclusive nos debates e reflexões realizados muitas vezes acabam por relacionar ou exemplificar fazendo uso de sua própria realidade.*

Entrevistado 2: *A depender da temática, sim. Lembro do curta-metragem Vida Maria que trabalhamos em uma turma da EJA, quando abordávamos o tema igualdade de gênero. Vários educandos/as se viram no filme, bem como suas mães e avós.*

O filme é uma criação artística que possibilita tanto ao educador como ao aluno compreender, explorar e interrogar sobre a sua própria realidade, ressignificando-a. Assim, “o filme atrai, muitas vezes, não pelo que ele tem de ficção, mas pelo que ele tem de real, resgatando aspectos da nossa realidade” (SILVA, 2007, p. 129).

Ou seja, o audiovisual/ filme é uma arte que ao produzir conhecimentos, também produz e reproduz memórias. Além disso, os sujeitos sociais das escolas (crianças, jovens, adultos, famílias) precisam ser conhecidos e melhor compreendidos, dentro do seu contexto social. A nossa cultura é bastante diversificada. Dentro da escola, e principalmente dentro das escolas do campo, nós temos alunos que estão nos “assentamentos, acampamentos, quilombos, seringais aldeias indígenas e outros territórios com seus sujeitos e histórias individuais e coletivas. Com seus saberes e práticas sociais, com suas dificuldades, com seus sonhos, esperanças, quimeras” (MARTINS *et al*, 2010, p. 25).

O Audiovisual/ filme poderá ajudar os alunos numa reflexão sobre seu lugar, sua cultura, se auto reconhecendo como sujeito daquele lugar. Questionar sobre as formas de discriminação e desigualdade social por exemplo, promovendo movimentos e práticas e até mesmo relações

de diálogos entre pessoas que pertencem a culturas diferentes. Dessa forma poderão aprender com as diferenças e lutar por seus direitos.

Por isso, consideramos tão importante que o professor tenha conhecimento sobre a região em que vivemos- o Semiárido, assim como, sobre a Educação Contextualizada, para que assim possa conduzir o processo de ensino e aprendizagem da melhor forma. Nessas circunstâncias, buscamos saber o que os professores sabem a respeito do Semiárido. Observemos as respostas:

10- O que você já ouviu falar sobre o Semiárido?

Entrevistada 1: *Apesar de viver na região semiárida, sabemos que pouco conhecemos sobre. A educação contextualizada ainda precisa ser mais explorada. Buscamos aprofundar nosso conhecimento sobre o semiárido e a forma de conviver com suas características e peculiaridades. Mas sabemos que é uma região que possui suas potencialidades, mas que, no entanto, na realidade brasileira ainda não é bem utilizado. Nesse sentido, o discurso predominante é sempre de uma região castigada pelos fatores naturais e que conseqüentemente prejudica as questões econômicas.*

Entrevistado 2: *Principalmente sobre a seca, o atraso socioeconômico, a falta de oportunidades, enfim várias construções discursivas- imagéticas que instituem o semiárido como o lugar do atraso, mas também as potencialidades da região e de seu povo.*

A entrevistada 1, ao relatar em sua resposta que apesar de viver na região do semiárido, pouco conhece sobre, compreendemos que a mesma se refere à necessidade de conhecermos melhor sobre o lugar em que vivemos. Já o entrevistado 2, aborda em suas respostas, questões como: seca, atraso socioeconômico, falta de oportunidades discursos imagéticos.

Compreendemos que, para formar cidadãos críticos é importante que a educação seja contextualizada, na qual, a maioria dos professores ainda sentem a necessidade de conhecer melhor sobre as particularidades e potencialidades do semiárido, uma vez que, “O semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só” (MALVEZZI, 2007, p. 09). Ou seja, a região semiárida vai muito além, de definições dadas por características geográficas ou morfológicas que a definem fortemente e pior, de uma maneira distorcida. Em cada lugar, há diferentes adaptações e interpretações, diferentes características, “jeitos de ser, de brincar, de vestir, de comer, de falar, de conviver, de rezar, de orar, diferentes saberes e sabores, histórias, narrativas”. (LINS, 2010, p.80)

O fato de os livros serem totalmente descontextualizados, e o currículo abordar conteúdos sistematizados, baseando-se em regiões distantes, nos possibilitam refletir sobre os desafios de se reconhecer enquanto sujeitos desse lugar, e principalmente, sobre o papel do professor na educação contextualizada, que por sua vez, reconhecem a necessidade da busca por compreender melhor sobre o assunto, não somente porque são professores, mas também porque pertencem a esse lugar. Sendo assim, também indagamos sobre o que compreendem por Educação Contextualizada.

11- O que você compreende por Educação Contextualizada?

Entrevistada 1: *É possibilitar ao alunado uma aprendizagem significativa, onde estes percebam o sentido dos fenômenos a partir da realidade concreta. Trazendo para o processo de ensino/aprendizagem as experiências do seu cotidiano e dando sentido e novo significado, sendo este um processo dialético.*

Entrevistado 2: *Uma educação que parte da realidade dos educandos, que busca no local uma compreensão do geral, de forma que o ensino-aprendizagem se torne significativo e significante.*

Os dois entrevistados, relataram em suas respostas compreenderem que a educação contextualizada parte da realidade dos educandos, tornando-se uma aprendizagem significativa. Entretanto, a educação contextualizada vai muito além, uma vez que, se trata de discutir também a descolonização. Trata-se, de construir questões pertinentes não apenas de âmbito “regional” ou “local trata-se de legitimar as lutas por reconhecimento que os sujeitos já sustentam” (MARTINS, 2006, p.43).

Porém, segundo (SILVA, 2010, p.21) quanto mais o professor tomar consciência dessa complexidade mais fácil será encontrar os melhores procedimentos para facilitar e alcançar esse processo. Para tanto, é importante que o professor esteja sempre em busca de conhecimento sobre a temática, pesquisando, buscando informações que complementem o assunto a ser trabalhado em sala de aula. Mas também, os recursos audiovisuais/ filmes. Ou seja, é através desse conhecimento que o professor poderá escolher de maneira satisfatória os filmes que se aproximam da discussão em consonância com a educação contextualizada.

12- Dê três exemplos de filmes que você trabalhou na disciplina de Sociologia em consonância com a Educação Contextualizada.

Entrevistada 1: *Movimentos sociais (curta: Ocupar, Resisti, Produzir - 13min, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NOftzv4F2Ac>);*

(curta: Filme - MISSA DO VAQUEIRO - 30 min, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XvFUynEVu4>);

Desigualdade social (filme: Morte e Vida Severina | Animação - Completo - 55 min, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIKnAG2Ygyw>)

Entrevistado 2: *Vida Maria, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&t=193s;*

Cabra marcado para morrer, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7pnKjA56-g>;

Guerra de Canudos, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E>

Assistimos aos filmes elencados pelos professores para trabalhar nas aulas de Sociologia, e realizamos uma breve análise buscando compreender se de fato, os audiovisuais, se aproximam do que aponta a educação contextualizada, ou seja, com a realidade dos alunos da nossa região.

Dessa forma, nos foi possível entender que o curta “Ocupar, resistir, produzir” apresentado pela entrevistada 1, é um documentário de 12:59 disponível na plataforma digital do You Tube, que relata a luta dos trabalhadores rurais sem terra pela reforma agrária que foi pautada pelo latifúndio (fazendas) e pecuária (gado). A frase “Ocupar, resistir, produzir” que dá título ao curta, representa os valores, a solidariedade, o estudo, o trabalho, a fraternidade entre os pobres, a valorização e preservação da cultura camponesa e da cultura popular. Maria Raimunda, integrante do MST-Pará, relata no vídeo que “*a nossa cultura é exatamente uma construção coletiva de um jeito de fazer luta, de um jeito de fazer resistência. Isso foi se transformando cultura*”.

Com base na fala de Maria Raimunda, é possível compreendermos que o curta metragem aborda não só questões de movimentos sociais, mas também, representa a cultura, o modo de vida, a identidade das pessoas desse lugar. Além disso, o curta aborda conceitos sociológicos como: movimentos sociais, trabalho, cultura, identidade... que representam a realidade dos alunos da nossa região.

Fotografia 2 - Cartaz do” filme *ocupar, resistir e produzir*”.



Fonte: encurtador.com.br/hrtG9

O filme “Missa do vaqueiro” é um documentário de 30:34 segundos, também trata sobre conceitos relacionados a nossa cultura, apresentando a nossa caatinga, roupas (gibão) que o vaqueiro veste, o chapéu de couro, o gado, o cavalo, a religiosidade, entre várias outras. A figura do vaqueiro é característica da nossa região, além disso, muitos dos nossos jovens, se denominam como vaqueiros e /ou gostam de vaquejada. É importante mencionar que na cidade de Sumé, existe um parque de vaquejada chamado Vila Country, onde acontece festas de vaquejadas todos os anos no mês de janeiro há pelo menos 15 anos. Sendo a vaquejada parte do cotidiano e das manifestações culturais dessa região.

Fotografia 3 - Cena do filme “*missa do vaqueiro*”.

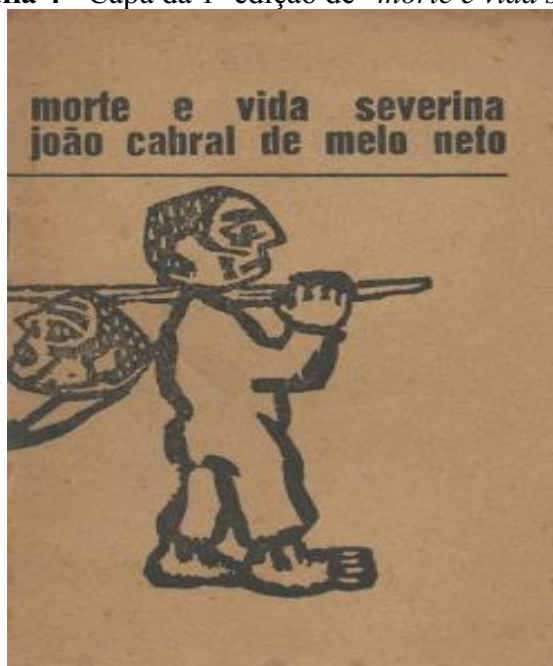


Fonte: encurtador.com.br/dlxOX

O filme “Morte e vida Severina” é escrito pelo poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. O filme apresentado pela entrevistada é em formato de desenho e conta a história de um migrante nordestino cujo nome é Severino, que sai do sertão em busca de melhores condições de vida na capital do Recife-PE. O filme aborda vários conceitos sociológicos como: Desigualdade Social, trabalho, religiosidade... Porém, a história é contada durante todo seu percurso até o destino final. O filme apresenta do começo até o fim com grande ênfase a morte e a miséria, árvores secas, falta de água, solo rochoso, as cenas são ilustradas em preto e branco para enfatizar o sofrimento. O personagem é ilustrado com características faciais de sofrimento, andando com os pés no chão, sem nenhuma proteção.

Assim, podemos perceber que o filme apresenta uma visão distorcida e exagerada sobre a vida do sertanejo. Assim como encontramos nos livros didáticos, que criam um imaginário de que a vida no sertão é imprópria para a vida, na tentativa de nos impor uma visão colonizadora. Além do mais, é fundamental que o professor esteja preparado para saber direcionar o olhar do aluno numa perspectiva de desconstruir esse discurso elitista. O conteúdo Desigualdade Social elencado pela professora acima, apresenta-se claramente no filme quando retrata a questão agrária, seca, disputa por terras, a falta de oportunidade de trabalho, a fome... O filme representa a luta do povo sertanejo que castigado pela seca e também pela falta de respeito dos governantes, veem-se obrigados a ir para a capital em busca de melhores condições de vida.

Fotografia 4 - Capa da 1ª edição de “*morte e vida severina*”.



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/morte-e-vida-severina/>

O curta metragem de apenas 08:35 segundos, “Vida Maria” apresentado pelo entrevistado 2 retrata os conceitos sociológicos como: família, instituição familiar, cultura, relações de gênero, patriarcado... o filme conta a história de uma personagem chamada Maria que é obrigada a deixar os estudos para ajudar em casa com os afazeres domésticos. A cena se repete com as mulheres da família. Sua mãe trabalhadora da roça, sem instrução nenhuma, a desestimula, alegando que a menina não está fazendo nada, apenas desenhando seu nome.

Podemos dizer, que a personagem representa a história de muitas mulheres sertanejas que muitas vezes se viram obrigadas a deixar os estudos para ir ajudar na lida da roça e nos afazeres domésticos de casa. Muitas até, nem sabem ler ou escrever. O mais importante é que muitas dessas mulheres podem ser avós, tias e até mesmo mães dos alunos.

Fotografia 5 - Cenas do filme “*vida maria*”.



Fonte: encurtador.com.br/LO269

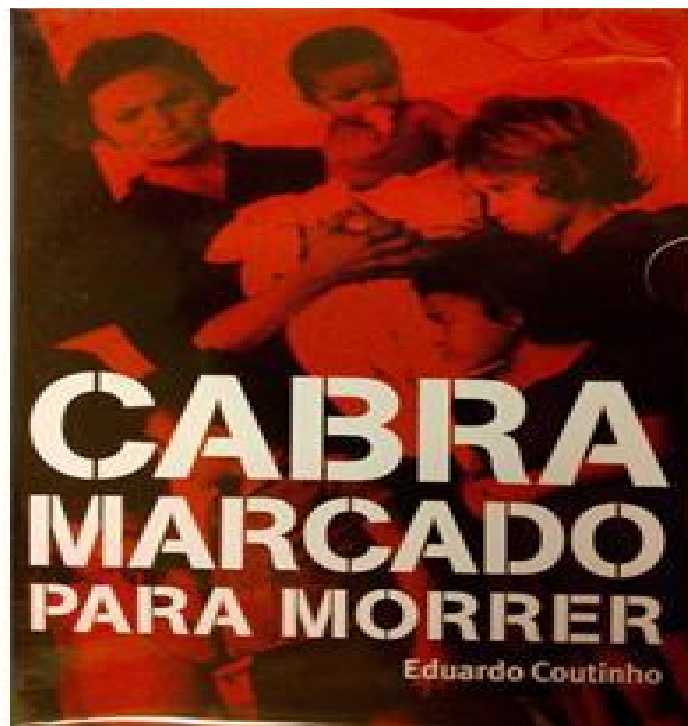
Por sua vez, o filme “Cabra marcado para morrer”, baseado em fatos reais que ocorreram no litoral nordestino, na região do Semiárido, com duração de 01:59:44 segundos, baseia-se num documentário no qual reuniu os verdadeiros personagens para relatar a história sobre o movimento da luta de trabalhadores rurais brasileiros pela consolidação da reforma agrária,

ocorridos no período da ditadura militar no contexto da década de 1960. O “cabra marcado para morrer” foi João Pedro Teixeira, era membro de um partido comunista e reunia-se com trabalhadores de uma pedreira em sua casa para discutir sobre condições de trabalho. Também participou de uma organização conhecida como Liga Camponesa de Sapé, foi perseguido pela polícia pois, era visto como comunista, e por isso acabou sendo assassinado.

O filme mostra “além de um assassinato de um líder camponês, além de um contexto de lutas, de desigualdades e violência, os malabarismos da vida cotidiana, das relações humanas” (MARTINS, 2010, p. 125). Apresenta um contexto histórico que poderá levar o aluno a compreender como se dava os conflitos no período da ditadura militar e principalmente, sobre as lutas dos movimentos camponeses daquela época.

Sabemos da importância dos alunos conhecerem história dessas lutas para além de histórias de outros lugares. Muitas vezes os materiais didáticos e a própria mídia veiculam histórias de heróis distantes, desconexos das realidades desses sujeitos. No caso deste documentário, percebemos a ousadia e assertividade de tratar da realidade camponesa a partir de seus próprios heróis.

Fotografia 6 - Capa do dvd do filme “*cabra marcado para morrer*”.



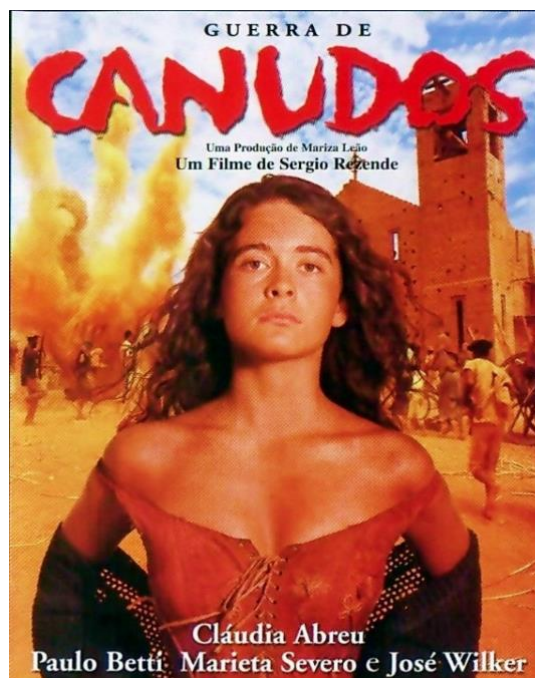
Fonte: encurtador.com.br/hjBNX

O filme “Guerra de Canudos” por sua vez, narra um acontecimento triste na história do Brasil, que aconteceu no sertão da Bahia, envolvendo a população sertaneja do Nordeste.

Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio conselheiro, junto de seus fiéis e seguidores em suas andanças encontram um bom lugar onde eles conseguiram prosperar em meio a triste e pobre realidade do descaso com os esquecidos pelas políticas sociais da época. Nesse caso, a seca era usada como justificativa para o sofrimento, a fome e a pobreza extrema. Mas, Canudos conseguiu revolucionar o cenário socioeconômico da região, proporcionando melhores condições de vida a partir da convivência com a seca e não de seu combate.

As primeiras tentativas de ataque do exército, foram em vão, pois, os sertanejos tinham um grande domínio de conhecimento sobre a caatinga, enquanto os soldados da capital nada conheciam sobre sua geografia. Após, várias tentativas, o exército consegue vencer a comunidade e causar um grande massacre na comunidade. Grande parte da população foi morta e a comunidade foi incendiada. Podemos dizer que foi uma guerra dos poderosos, dos políticos, dos grandes fazendeiros contra a população de Canudos.

Fotografia 7 - Cartaz do filme “guerra de canudos”.



Fonte: encurtador.com.br/cjyBE

Assim, percebemos que a entrevistada 1, apresentou filmes que se direcionam para conceitos sociológicos. Já o entrevistado 2, tem apresentado filmes que em sua maioria, direcionam mais o olhar para o processo histórico do Brasil como é o caso dos filmes “Cabra marcado para morrer” e “Guerra de Canudos”.

Observamos que, os filmes “Morte e vida Severina” tem duração de 55:17 segundos; “Cabra marcado para morrer” com 55:17 minutos e “Guerra de Canudos” com 2:49:38 segundos, ultrapassam o tempo de uma aula de Sociologia, que acontece uma vez por semana e dura em média 40 ou 50 minutos, o que poderá dificultar ainda mais a sua exibição e análise da obra.

Compreendemos que os filmes apontados pelos dois entrevistados, podem ser trabalhados de acordo com a realidade dos alunos, uma vez que, abordam temáticas, histórias, cenários que podem ser relacionados com o lugar em que estes vivem, ou até mesmo trazer lembranças vividas pelos seus pais ou avós, que podem ser contadas para os alunos, que por sua vez, pode levá-los a reconhecer sua identidade, dentro do processo sócio-histórico do lugar em que vivem. Por esse motivo, gostaria de destacar aqui, que as obras citadas pelos professores são de extrema importância para o conhecimento de temáticas que quase nunca circulam nos livros didáticos. São obras valiosas que retratam a vida do sertanejo que vive no semiárido, assim como tantos de nós, pais, alunos, professores, entre tantos.

5 CONCLUSÃO

A educação contextualizada permite ao aluno aprender a valorizar a sua cultura, mas, também a cultura do outro, os saberes locais, regionais e universais, desenvolvendo o senso crítico acerca do lugar em que vive. Assim sendo, os conhecimentos prévios, as experiências que os alunos já tinham, vão se reconfigurando com os conhecimentos que estes vão adquirindo durante esse processo, possibilitando-lhes, um novo olhar sobre a realidade em que vive.

Os discursos colonialistas, estereótipos, passam a ser discutidos e questionados, de forma a construir novas ideias, novas experiências, novas perspectivas, podendo estas serem compartilhadas, contribuindo para uma nova visão de mundo. Desse modo, é possível rompermos com o currículo tradicionalista, desconstruindo o olhar equivocado sobre o semiárido, priorizando suas potencialidades sejam elas naturais ou culturais e repensar diferentes formas de viver e conviver nessa região.

Assim, compreendemos a importância do papel da escola enquanto espaço de educação formal. Precisamos pensar numa educação que fortaleça a convivência no semiárido brasileiro, baseada nas necessidades locais dos sujeitos, proporcionando-lhes uma relação entre os saberes escolares e os conhecimentos de sua comunidade.

O papel do audiovisual é tornar-se não apenas uma ferramenta didática, mas, um aliado do trabalho docente, de modo, que o professor é estimulado a repensar, diversificar e melhorar suas práticas pedagógicas, e assim, ajudar os alunos a compreender e analisar o assunto em sala de aula, relacionando-o ao seu contexto.

Nessa perspectiva, o audiovisual/filme poderá contribuir de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem uma vez que, trabalhado de forma contextualizada, possibilitará ao aluno compreender e não apenas decorar os conceitos sociológicos, mas tornar-se capaz, de aplicá-los em diversas situações de sua vida.

Porém, para que isso ocorra é necessário que o professor busque inserir de forma responsável e criativa esses recursos em sua prática a fim de motivar debates que possam ser tratados na sala de aula. Questões como: Quais os objetivos de trabalhar com esse filme na aula de sociologia? Esse filme pode ser relacionado a realidade dos alunos, podendo assim, ser trabalhado de forma contextualizada? Em que aspecto esse filme contribui para a aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos? De que forma esse filme pode contribuir para uma reflexão crítica dos discentes? Podem ajudar o docente na escolha do audiovisual e conseqüentemente no planejamento de sua aula.

Gostaria de destacar que, poder ouvir os estudantes sobre suas percepções acerca do uso dos audiovisuais, teria sido uma contribuição imensa não só para esta pesquisa, mas, para mim enquanto pesquisadora, porém, as limitações impostas pelo tempo de realização da pesquisa, bem como pelo cenário da pandemia não possibilitaram que a pesquisa pudesse avançar nessa direção.

Por fim, finalizo essa pesquisa apresentando algumas propostas que possam apoiar os professores na elaboração de metodologias que utilizem o recurso audiovisual na sala de aula que contribua para a educação contextualizada. Não se trata de uma crítica ou apontamento sobre os professores ou colaboradores da pesquisa, uma vez que esse tipo de análise não foi realizado aqui, pois se trataria de uma análise da prática e esse não foi o objetivo da pesquisa. Assim, a partir do nosso aporte teórico metodológico, consideramos importantes as seguintes sugestões:

Durante a seleção do filme é de suma importância que o professor utilize alguns critérios como: assistir e analisar a obra antes de levá-la para a sala de aula. Investigar se de fato, o filme pode ser relacionado com o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, e principalmente, se pode ser contextualizado com a realidade dos alunos.

Devemos priorizar audiovisuais que provoquem no aluno o desejo de questionar sobre determinadas situações do seu cotidiano. Além disso, é preciso entendê-lo primeiro, para que possamos direcionar o olhar do aluno para reflexão e análise da obra, na tentativa de evitar que o filme se torne cansativo e desinteressante, e pior, sem nenhum entendimento.

É necessário considerar o tempo da aula da disciplina, por isso, dê preferência os filmes mais curtos, principalmente se o filme for longo e complexo. Caso, escolha um filme longo, opte por fazer recortes das cenas que julgar importante para a discussão durante a aula, depois repasse para os alunos o link do filme, eles podem se interessar a assisti-lo na íntegra em outro momento.

Antes de iniciar a aula é importante que o professor observe se os equipamentos do audiovisual estão em bom funcionamento, assim evitará problemas, e não desperdiçará o tempo da aula. O ambiente de reprodução deve ser favorável para o entendimento dos alunos durante a exibição.

Os filmes legendados nem sempre são indicados pois, podem fazer com que o aluno se prenda a leitura que para ele se tornará cansativa. Assim como também pode se prender somente as imagens ignorando o texto e conseqüentemente, não compreendendo a história; também, apresentar para os alunos a ficha técnica do filme, com informações como período

socio- histórico, ano, lugar em que foi produzido, pois são informações essenciais para o entendimento do mesmo.

Antes da exibição, deve-se resgatar os conhecimentos prévios, as experiências que os alunos já tem sobre o assunto do filme. Deve ser utilizado um roteiro contendo uma listagem de perguntas que possam conduzir o debate e conseqüentemente, a avaliação;

Após a exibição, o professor deve estar preparado para as críticas e argumentos dos educandos sobre o filme. Considere que pode haver muitas críticas, mas caso não haja, é tarefa do mediador direcionar o olhar desses alunos para que a discussão aconteça;

É importante que se faça uma avaliação do que o filme provocou no aluno enquanto conhecimento; desse modo, o professor poderá repensar suas práticas, reavaliá-las e reelaborá-las a fim de melhorar não só a didática em sala de aula, mas, sobretudo, favorecer a aprendizagem do aluno.

Ao trabalhar com audiovisual em sala de aula, sem levar em consideração as sugestões apresentadas, corremos o risco de os alunos assistirem ao filme só por assistir e o que é pior, de termos levado o filme apenas para passar o tempo da aula. Por isso, é importante que o docente tenha um planejamento didático de forma clara, abordando os objetivos a serem atingidos, bem como, o tema da aula, o conteúdo teórico, a escolha do filme e principalmente, como esse filme será inserido no processo pedagógico de modo a contribuir para o processo de ensino aprendizagem da disciplina de maneira contextualizada.

Dessa forma, os alunos aprenderão a valorizar a nossa cultura, os saberes do povo, reconhecendo-se como sujeitos desse lugar e lutando pelo nosso povo, pelos nossos direitos. Assim, estaremos rompendo com o paradigma de um discurso elitista. Essa é a principal perspectiva da educação contextualizada. Uma educação baseada na conexão entre os saberes locais e universais, na qual, os conhecimentos e saberes dos sujeitos passam a ter novos sentidos e significados dentro do processo de ensino e aprendizagem e conseqüentemente, em suas vidas e em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 93994, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. DF. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais: OCNs**, 2006.
- Caderno Multidisciplinar- Educação e Contexto do Semi-Árido Brasileiro: Currículo Contextualização e Complexidade: Elementos para se pensar a escola no Semi- Árido. v.1, **RESAB**, Juazeiro-BA, 2007.
- Caderno Multidisciplinar Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: Interfaces entre a Educação do Campo e a Convivência com o Semiárido Brasileiro. v. 6, **RESAB**, Juazeiro-BA, 2012.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Florianópolis, 2006.
- CARVALHO, Lejeune Mato Grosso. **Sociologia e ensino em debate (experiência e discussões de sociologia no ensino médio)**. São Paulo, 2004.
- CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro- BA: RESAB, 2013.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Educação do Campo no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro-BA: RESAB, 2013.
- Educação para convivência com o Semi-Árido: Reflexões teórico-práticas. 2 ed. **RESAB**. Juazeiro – BA: selo editorial RESAB, 2006.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de; **Didática e docência: aprendendo a profissão**; Brasília: Liber, 2009.
- FORGIARINI, Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos. **Fracasso escolar no contexto da escola pública: entre mitos e realidades**. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2011.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006 reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte – MG: Universo, 2015.
- FURTADO, CELSO. **Seca e Poder: entrevista com Celso Furtado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODSON, Ivor Frederick; **Currículo: teoria e história**; Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

INOCÊNCIO, Aline de Oliveira; HLENKA, Vanessa. Principais causas para a desistência de alunos no ensino médio. **RECIT**. v. 8, n. 16, Curitiba – PR, 2017.

KRAUS, Lalita; A Educação Contextualizada no Semiárido Brasileiro: Entre Desconstrução de Estereótipos e Construção de uma Nova Territorialidade. **Revista de Geografia -UFPE**.v. 32,n. 1, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Idelsuite de Sousa. **Ensaio: construção do conhecimento, subjetividade e interdisciplinaridade/** Francisca Bezerra de Oliveira e Maria Lucinete Fortunato (orgs). João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2001.

LINS, Claudia Maisa Antunes. **Conhecendo o semi-árido 1 e 2 – narrativas de uma experiência**. Salvado – BA, 2010.

MACHADO, Eliany Salvatierra. A produção audiovisual na Educação Básica: implicações e atravessamentos. **REU – Revista de Estudos Universitários**. Sorocaba, 2018.

MALVEZZI, Roberto. Semiárido- uma visão holística. – Brasília: Confea, 2007.

MARTINS, Aracy Alves. **Outras terras à vista: cinema e educação do campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARTINS, Josemar da Silva. **Tecendo a rede: notícias críticas do trabalho de descolonização curricular no Semi-Árido Brasileiro e outras excedências**. Salvador – BA, 2006.

MENEZES, Ana Célia Silva; ARAÚJO, Lucineide Martins. **Caderno Multidisciplinar-Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: CURRÍCULO, CONTEXTUALIZAÇÃO E COMPLEXIDADE: Elementos para se pensar a escola no Semiárido.v.1-** Juazeiro-BA: Selo editorial RESAB, 2007.

MENEZES, Ana Célia Silva; ARAÚJO, Lucineide Martins. Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. **RESAB**, 2006.

OLIVEIRA, Rubia Machado. **A Sociologia no ensino médio em Santa Maria- RS: Aspectos legais e a prática escolar**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria Rio Grande do Sul, 2013.

RACHETTI, Luiz Gustavo Ferri; SANTANA, Gilmar. **Sociologia e cinema: O uso do audiovisual na aprendizagem de Sociologia no Ensino Médio**. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 17, 2016.

REIS, Edmerson dos Santos; CARVALHO, Luzineide Dourado. **Educação Contextualizada: fundamentos e práticas.** Juazeiro – BA: Printpex, 2011.

REIS, Edmerson dos Santos; TELES, Edilene Carvalho. **Contextualizar a educação, dar sentidos aos saberes.** Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS, Mariana Pereira de Oliveira. **Caderno Multidisciplinar Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: Interfaces entre a Educação do Campo e a Convivência com o Semiárido Brasileiro:** Selo Editorial RESAB, 2012. p. 125.

Secretaria Executiva. **Educação para a Convivência com o Semi-Árido. Reflexões teórico-práticas.** RESAB, 2º ed. Juazeiro-BA.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da; **O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Telas da Docência: professores, professoras e cinema.** 1ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema.** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.